O Proletariado Nacional Repele As Provocações Do Sr. Negrão De Lima e Reafirma Sua Solidariedade Aos Operários De Santos

OS PROTESTOS SE AVOLUMAM

→ TEXTO NA 2.ª PAGINA ←

RIO DE JANEIRO, 11 DE MAIO DE 1946 — ANO I — NÚMERO 10

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Coragem e Audácia Na Luta Em Defesa Da Democracia

A Comissão Executiva Chama a Atenção De Todo o Partido Para a Necessidade Urgente De Reforçar Suas Ligações Com As Grandes Massas Trabalhadoras e De Organizar Cada Vez Melhor Suas Fileiras e o Próprio Povo

Na Mobilização De Massas e Na Capacidade De Iniciativa Do Povo Reside a Garantia De Êxito Na Luta Contra As Provocações Da Reação Policial e Dos Restos Fascistas

1. A Comissão Executiva do Partido Comunista do Brasil, em reunião de 6-5-46, examinou a situação nacional em seu conjunto, especialmente os graves e vergonhosos acontecimentos de 1.º de Maio e as recentes e mais descaradas provocações policiais contra a existência legal do Partido Comunista. E' de assinalar que, apesar da derrota militar do nazi-fascismo, a grande data mundial dos trabalhadores, ao contrário do que aconteceu no mundo civilizado, decorreu ainda desta vez aqui em nossa terra, sob o signo da reação e do fascismo. Tanques e canhões foram trazidas à rua para completar o quadro terrorista das notas policiais com que a reação tentou aproveitar o dia dos trabalhadores para mais um golpe contra a democracia e em defesa dos interêsses das grandes emprêsas imperialistas. O que se tentou mais uma vez pelo terror policial e por meio de tôda a sorte de provocações, foi separar o povo e o proletariado do seu Partido, o Partido Comunista do Brasil, insistentemente ameaçado em sua vida legal e apresentado à Nação, qual em 1937, nos tempos do Plano Cohen, como principal culpado da mobilização policial e guerreira do govêrno contra o povo, a classe operária e suas organizações.

2. Se as provocações de março último contra o Partido e seus dirigentes tiveram cunho marcadamente internacional e imperialista, já as de agora, pela própria forma primária e truculenta de que se revestiram, traem a origem mais próxima dos restos do fascismo em nossa terra, que lutam desesperadamente por sobreviver e ainda conseguem arrastar a maioria dos homens do govêrno em suas aventuras contra o povo e mais particularmente contra a classe operária e suas organizações, especialmente o nosso Partido. Trata-se de um pequeno grupo de militares fascistas como Alcio Souto, Filinto Muller, Imbassai e poucos mais que ainda ocupam postos importantes na tropa e no aparelho estatal e tudo fazem, em seu desespero de vencidos, por impedir ou barrar a marcha da democracia em nossa terra. A êsses militares juntam-se os politicos reacionários e policiais de profissão, como J. C. de Macedo Soares, Negrão de Lima, Pereira Lira, Oliveira Sobrinho e poucos mais, todos igualmente sem nenhuma influência ou prestigio popular, mas ativos na luta contra a democracia e ainda capazes, graças aos postos que ocupam, de arrastar o govêrno em aventuras reacionárias e ditatoriais, visando a volta do fascismo, da censura, da violência contra o povo e do terror policial.

3. Esse pequeno grupo civil e militar pelas próprias dificuldades com que luta para sobreviver, apoia-se cada vez mais no imperialismo, especialmente no capital ianque, mais reacionário, que por sua vez dêle se serve para a defesa de seus interêsses mais imediatos na exploração crescente de nosso povo, visando chegar à sua completa e total submissão colonial e impunemente arrástá-lo à aventuras guerreiras em evidente preparação no mundo inteiro pelos elementos mais reacionários do capital financeiro inglês e norte-americano.

4. De outro lado, as vacilações do govêrno, seu medo ao povo, cada vez mais evidente, e que parece crescer à medida que se agrava e aprofunda a crise econômico-financeira, facilita, sem dúvida, a obra nefasta dos remanescentes do fascismo que se sentem dentro do govêrno cada vez mais fortes e necessários, em condições de tentar novas aventuras contra o povo e a democracia. E' que à crise, financeira e econômica, no ponto a que já chegamos, não é mais possivel fazer frente com paliativos e simples decretos-leis mais ou menos formais, inócuos ou impraticáveis. A carestia e a inflação estão a exigir medidas práticas e urgentes tanto mais quanto se agrava a crise econômica com as consequências já sensiveis da inflação sôbre a economia nacional, a começar pela pecuária já em plena crise, mas sensivel também para a indústria, que já começa a sentir a concorrência dos artigos importados, o que leva à diminuição de horas de trabalho e até ao fechamento de fábricas com o consequente e catastrófico resultado do desemprêgo operário.

5. Incapaz até agora de enfrentar com decisão e energia tão graves problemas, separa-se o govêrno cada vez mais do povo, deixando-se facilmente arrastar pelos aventureiros fascistas que prometem anular pela fôrça e pelo terror de medidas policiais o prestigio popular crescente de nosso Partido, e exigem do govêrno uma politica interna e externa cada vez mais reacionária e impopular. E', no exterior, o desprestigio do Brasil com a atuação reacionária de seu representante na ONU a apresentar-se como defensor de Franco justamente no momento em que o heróico proletariado de Santos nega-se a descarregar os barcos espanhóis e em que a Assembléia Constituinte proclama por unanimidade sua solidade ao povo republicano de Espanha. E' no interior, a politica de provocações sucessivas contra o proletariado e suas organizações, como o M. U. T. e, particularmente, contra o Partido Comunista, cuja vida legal é insistentemente ameaçada. E, ainda agora, nova tentativa contra a li-

(Conclui na 7.ª pág.)

A COMISSÃO EXECUTIVA DO P.C.B.

AMAZONAS — POMAR — LUIZ CARLOS PRESTES — ARRUDA — HERLEIN

AGOSTINHO — GRABOIS — Fco. GOMES — HILL

A QUIZENA DA LEGALIDADE DO PARTIDO COMUNISTA

O Partido Comunista está comemorando êste mês, de 8 a 23, a Quinzena da Legalidade, conquistada há um ano, quando, sem quaisquer garantias de ordem legal, o proletariado e o povo brasileiro arrancaram Prestes da prisão em que a reação o havia encarcerado durante nove anos e o levaram em apoteose ao campo do Vasco da Gama, onde proferiu a 23 de maio, seu primeiro e histórico discurso.

Durante êsse ano de vida legal do Partido Comunista,

Cresce a Onda De Protestos Do Povo Contra As Provocações Da Reação — Os Festejos Populares

grandes foram as conquistas democráticas do povo e do proletariado, obtidas em meio à renhidas lutas contra as fôrças mais reacionárias.

São essas conquistas, ainda não consolidadas nem suficientes para garantirem um regime verdadeiramente democrata em nosso país, que a reação procura novamente arrancar ao povo, mediante manobras e métodos conhecidos, porque postos em prática pelos mesmos elementos que ontem ajudaram a implantar o odioso "estado novo" que mergulhou o país na desgraça de uma ditadura das mais brutais que conhece a América.

Ante às investidas da reação, golpeando liberdades democráticas elementares, o povo brasileiro, tendo à frente a classe operária, manifesta seu veemente protesto, não só em palavras mas em atos. Além das centenas de telegramas que são enviados de todos os recantos do país ao líder e senador comunista Luiz Carlos Prestes, expressando os protestos contra as medidas reacionárias do govêrno, como quando cassa o direito de greve ou proibe as manifestações de 1.º de Maio, vemos crescer a onda de indignação popular contra as provocações dos agentes imperialistas, diretamente ligados à emprêsas estrangeiras que exploram o nosso povo. Vemos como a consciência politica da massa operária se mostra alerta no combate aos restos do fascismo, como quando os estivadores heróicos do porto de Santos se recusam a descarregar ou carregar navios de Franco. Vemos como o operariado da Light se mantém coeso e combativo, continuando sua luta pelas reivindicações contidas na "Tabela da Vitória", apesar de todas as medidas violentas, inclusive despedidas de trabalhadores, adotadas pela emprêsa norte-americana. Vemos como a juventude se levanta condenando a reviravolta do antigo "socialista" Pereira Lira e pleiteando a liberdade para um jovem detido pelo crime de ser democrata e lutar pela democracia. Vemos finalmente como, mesmo com os tanks rodando no asfalto do Rio, o bravo proletariado comemora o Dia Internacional dos Trabalhadores, em comicios, como em Pernambuco, em Sergipe e noutros Estados, ou em recintos fechados, como o fez em todas as cidades do Brasil, apesar das perseguições policiais e do Ministério do Trabalho.

E' a utilização pelo povo de um direito sagrado que lhe assiste — o protesto — e que se fará sentir cada vez mais forte na medida que a organiza-

(Conclr na 4.ª pág.)

Prestes Define a Posição Do Partido Em Face Da Proposta De Truman

"AS NOSSAS FORÇAS ARMADAS FICARIAM NA MESMA SITUAÇÃO EM QUE SE ENCONTRAM AS POLICIAS ESTADUAIS EM FACE DO EXÉRCITO" — (LUIZ CARLOS PRESTES)

Publicamos a seguir um trecho do discurso pronunciado pelo camarada Prestes na sessão solene da Assembléia Constituinte em comeração ao primeiro aniversário da Vitória sôbre o nazi-fascismo, a 8 do corrente

O MOTIVO principal da campanha contra o comunismo é, internamente, salvar as posições dos fascistas, porque os fascistas sabem e sentem que não poderão manter-se nessas posições à medida que a democracia progredir, e, daí, os golpes de tôdas as formas que tentam contra a democracia; salvar os lucros extraordinários; expoliar cada vez mais o povo para salvar os interesses das grandes emprêsas imperialistas, como a Light, a Leopoldina e outras. E o motivo externo é a tendência, a preocupação, o desejo de arrastar nossa Pátria como país submetido, colônia muito própria a fornecer soldados para as aventuras guerreiras do imperialismo.

Não é por acaso que as bases militares — pese aos desmentidos oficiais — continuem nas mãos dos imperialistas, como ainda hoje confessa um dos Subsecretários do Departamento de Estado. E ainda ontem os jornais desta Capital publicaram o projeto apresentado pelo Presidente Truman sôbre a cooperação militar no continente. E' a doutrina de Monroe, essencialmente defensiva, transformada em ofensiva. E' o bloco pan-americano que ressurge em flagrante desrespeito à Carta de São Francisco, que fundou a Organização das Nações Unidas. E' repto evidente do govêrno nortea-mericano à unidade mundial, e particularmente à colaboração das três grandes potências. Esse bloco pan-americano põe em perigo a paz no hemisfério e no mundo, levanta suspeitas na Grã-Bretanha e na URSS, que são outros dois grandes elementos no Conselho de Segurança. Para que os Estados Unidos necessitam dessa organização militar, se todo o continente, senão, para enfrentar as duas outras grandes potências?

Coloca ainda, sob o dominio norte-americano, paises como o nosso, ainda atrasados, sem indústria pesada. As nossas fôrças armadas passarão à categoria de elementos submissos às fôrças norte-americanas. E' inevitável. Pela maneira por que está sendo projetado nos Estados Unidos êsse bloco pan-americano, essa organização militar do continente, visa êle colocar nossas fôrças armadas, frente ao exército ultra-moderno dos Estados Unidos, nas condições — tomadas as devidas proporções — de nossas policias estaduais frente ao Exército nacional. E, mais dia, menos dia, teremos o nosso Exército, com soldados brasileiros, sob o comando de oficiais norte-americanos. E' êsse o caminho, é essa tendência do imperialismo "yankee". Estamos alertando. Ninguém mais do que nós deseja que isso não se realize, e lutaremos contra tal coisa. Mas hoje, mesmo o Ministro da Marinha chega a declarar-se muito satisfeito com o projeto do Presidente Truman, de submesão completa das nossas fôrças armadas às norte-americanas. E' a tese defendida pelo Presidente Truman em sua carta ao Parlamento americano. Chamo a atenção para essa tendência de formação de um bloco no hemisfério, não para defesa, porque ninguém nos ameaça, mas para o ataque.

E' para se conseguir tudo isso que se deseja liquidar a democracia, a começar pelo fechamento do Partido Comunista, pelas perseguições às organizações operárias, pela campanha contra os comunistas. Nós, democratas e comunistas, aproveitamos a solenidade de hoje, para, homenageando as vitimas do fascismo, rendendo nosso preito de gratidão a todos que souberam lutar pela paz e declarar que prosseguiremos inabaláveis na luta contra o fascismo, pela sua completa e efetiva extinção da face da terra, para ampliação, garantia e consolidação da democracia em nossa os homens dignos, — homens e Partidos — dispostos a marchar com todos que Pátria. Para essa luta chamamos todos queiram, de fato, defender a democracia.

A VITÓRIA SÔBRE O NAZI-FASCISMO

A vitória sôbre as fôrças nazi-fascistas não pode ser atribuida a A ou a B isoladamente. Foi uma vitória dos povos amantes da liberdade, dos povos que secularmente têm lutado pela liberdade e pela paz, dos povos que lutaram e continuam lutando pela sua auto-determinação, pelo seu progresso e bem-estar. E' certo que os paises economicamente mais desenvolvidos, aquêles cujos povos foram vitimas diretas do imperialismo alemão, como os da URSS, da Inglaterra e dos Estados Unidos, são os arquitetos da vitória. Mas a contribuição dos povos coloniais e semi-coloniais teve a sua importância fundamental. Esses povos lutaram contra o nazi-fascismo porque sabiam estar lutando pela sua própria independência da opressão de qualquer imperialismo. Este é um dos significados da vitória sôbre o nazi-fascismo, vitória que o povo brasileiro também comemorou a 8 do corrente. Reproduzimos, aqui, as fotografias de três dos principais heróis da guerra: Zukhov, da União Soviética Eisenhower, dos Estados Unidos; e Montgomery, da Grã-Bretanha. Neste momento, os imperialistas forjam uma nova guerra. Eisenhower acaba de declarar: "A URSS não quer a guerra; além disso, nós (os Estados Unidos), não poderiamos ganhá-la". Montgomery, hoje, está vacilante entre a paz sólida que desejam os povos e a guerra que provocam os imperialistas. Quanto ao marechal Zukhov, não tenhamos dúvida, êle, como um dos dirigentes dos povos soviéticos, seus interêsses não são pessoais, mas os dos povos soviéticos e os povos soviéticos são hoje o mais formidável baluarte da paz e da segurança internacional.

TERRAS FERTEIS ABANDONADAS AS PORTAS DA CAPITAL PAULISTA

Os Latifúndios Impedem a Produção e o Abastecimento Do Grande Centro Urbano — Apenas 1,5% Possui Mais Da Metade Da Área Agrícola — Somente 12,62% Da Área Total Está Sendo Utilizada — Revelações De Um Técnico

NO fomento da produção agrícola, que só poderá ser conseguido plenamente com a eliminação dos restos feudais no campo, ou seja, com a eliminação do regime latifundiário, está o passo inicial para a solução da grave crise econômica que tanto inquieta o país. Esta constatação, hoje, não é apenas do Partido Comunista, que a levantou corajosamente, em documentos sucessivos, em discursos do camarada Prestes, em informes políticos e através de sua imprensa. Mas de todos os homens sensatos que desejam realmente soluções práticas e urgentes para os grandes problemas nacionais.

Não há mais nenhum segredo, e é mesmo impossível ocultar a crescente gravidade da situação alimentar do país, quando a produção de gêneros alimentícios decai de forma alarmante, ao mesmo tempo que cresce o êxodo das populações rurais para as cidades. Vivemos num verdadeiro círculo vicioso em face da situação: por que não há terra para os camponêses, há a emigração do campo, em ritmo acelerado; o abandono dos campos, por sua vez, determina uma diminuição ascendente da produção agrícola, com a consequente depauperação das populações camponêsas, caindo as pequenas propriedades tragadas pelo regime latifundiário, numa comprovação de que a pequena propriedade não póde prevalecer quando tem a seu lado, sugando-a e ameaçando-a constantemente, o latifundio todo poderoso e opressor.

DECLARAÇÕES DE UM TÉCNICO

Há pouco, um jornal de São Paulo, um jornal não comunista, "A Folha da Manhã", publicava declarações do agrônomo José Calil, estudioso do problema agrário nacional, focalizando justamente o fomento à produção e a melhoria do abastecimento, e apontando a grande propriedade latifundiária como principal responsável pelo atraso da imensa maioria da população do Brasil, os 30 milhões de camponêses que vivem em condições sub-humanas no interior do país.

Eis suas próprias declarações, como técnico, por ocasião de uma "Rocha de Debates", advogando a distribuição gratuita ou amortizável de terras devolutas à pequenos lavradores e aos que quizessem se dedicar ao cultivo da terra com o fim de obter o fomento da produção agrícola e melhorar o abastecimento dos grandes centros, hoje precaríssimo.

— "A Região Agrícola da capital de São Paulo, disse o citado agrônomo, é constituida pela sua própria zona rural e mais os seguintes municípios circumvizinhos: Cotia, Guarulhos, Itapecirica, Juquerí, Franco da Rocha, Santo André e São Bernardo. Essa região forma um grande círculo que partindo da praça da Sé atinge em seu raio máximo cêrca de 60 quilômetros. Aí se desenvolve a atividade de mais de 20.000 pequenos produtores, atividades essa que se caracteriza pela sua extraordinária diversidade de culturas e sistemas de trabalho, de produção, de organização, de rendimento, de distribuição, etc.

Nos lugares que apontâmos existe um total de 10.8884 propriedades rurais, correspondendo a 106.896,07 alqueires paulistas. Predomina, pois a grande propriedade. Apenas 1,5% possui mais da metade da área total (59,94%). E... 43,40% de pequenos proprietários possuem apenas 15,61% das áreas.

Esse fato apresenta uma importância capital, sobretudo quando se considera que aquela área, subdividida em pequenas chácaras de 10 alqueires representaria mais.... 7.000 chácaras para o abastecimento da capital. Para melhor compreender-se a necessidade da instalação de pequenos... sua distribuição está na ordem do dia. Realmente, sua importância é transcedental, especialmente quando se trata de terras existentes na proximidades de grandes centros consumidores.

O problema da terra e suas nas propriedades dos arredores da capital, basta dizer que apenas 13.500 alqueires estão sendo cultivados o que representa tão sómente 12,62% da área total das propriedades existentes na região.

Outros aspectos poderiam analisar-se com referência à terra, tais como o número de arrendamentarios existentes na região, o preço do arrendamento, o valor da terra etc. Infelizmente, muito falhas, ou mesmo inexistentes são as estatísticas a respeito. O que se sabe é que a maioria absoluta dos chacareiros, avicultores, vaqueiros e outros não possui a própria terra, arrendando-a por preços elevados. Assim é que se encontram arrendatários pagando 200 cruzeiros anuais o alqueire, enquanto outros, em condições idênticas, pagam 6.000 cruzeiros ou mesmo mais.

O valor da terra decuplicou, nos últimos anos, o que se deve atribuir à inflação, à especulação, e a enorme procura pelos industriais e comerciantes que estão contribuindo suas ricas vivendas nas proximidades da capital. Conhecem-se chacareiros que chegaram a pagar 100.000 cruzeiros por um alqueire, a fim de evitar o despejo e a perda de um longo e árduo trabalho no preterra para a produção".

A ÚNICA SOLUÇÃO

Como se vê, não se trata de conjecturas, mas de fatos concretos apresentados honestamente por um estudioso do problema agrário no Brasil. Trata-se de números de cifras, de dados estatísticos e de argumentos à sua base.

Por êsses dados constata-se que a grande propriedade é o entrave principal ao desenvolvimento da nossa agricultura. A grande propriedade territorial inútil, o latifúndio, a morte do campo. E isto nas proximidades de um dos maiores centros consumidores do país, a capital de São Paulo, com cêrca de 1.600.000 habitantes, que hoje não têm sequer pão para alimentar-se e disputa nas filas intermináveis a miserável ração de açúcar, adquirindo um quilo de tomate por Cr$ 15,00. E enquanto isto acontece com o completo desconhecimento do poder público, enquanto o interventor Macedo Soares tece tramas politiqueiras e persegue os democratas e comunistas que lutam pela democracia e contra os restos do fascismo e da reação, os senhores donos de latifúndios constroem suas "ricas vivendas" e deixam ao abandono, improdutivos, milhares e milhares de alqueires de terras férteis, ao mesmo tempo que as populações camponêsas, à falta de terra onde possam plantar e facilmente transportar e vender, oferecem sua mão de obra à indústria, por miseráveis salários.

Mas, embora lógica, a única visível, o govêrno não quer lançar mão da solução à vista por deixar-se prender ainda nas malhas da reação, que só trata de seus mesquinhos interêsses enquanto o povo morre de fome.

Numa Localidade Paulista, 40% Dos Camponeses Abandonaram a Terra

CERCADOS DE USINAS DE AÇUCAR, NÃO TÊM AÇUCAR PARA O CAFÉ — UM CAMPONÊS DE PIRACICABA ESCREVE AO CAMARADA PRESTES SÔBRE A SITUAÇÃO DOS TRABALHADORES SEM TERRA

Desenho de Percy DEANE

As próprias dificuldades da vida, motivadas pela crise perpétua em que tem vivido o país, mas principalmente as populações do campo, estão ensinando a estas como lutar por seus direitos e por melhores condições de existência.

Hoje, não é apenas o homem do campo e que não possui terra que sofre as consequências da crise; elas atingem mesmo aos pequenos proprietários que perdem seu pequeno sitio, sua granja, sua fazendinha para o latifundiário.

Onde quer que as terras ganhem algum valor, como ocorre nas regiões da oiticica e da carnaúba, no Norte do país, antes abandonadas e hoje cercadas pelos latifundistas, onde quer que apareça qualquer possibilidade de progresso, temporário que seja, muitas vezes e quase sempre apenas para satisfazer as exigências da importação estrangeiras, as míseras pequenas propriedades vão sendo tragadas pelo regime latifundiário. Passado o surto que determinou o açambarcamento das terras, começa o êxodo das populações de trabalhadores sem terras para outras regiões agrícolas momentaneamente favorecidas como aquelas que foram abandonadas.

E, finalmente, quando chegamos a um período de crise generalizada como o atual, vemos as levas de emigrantes camponeses à procura das cidades, como acontece hoje principalmente em S. Paulo.

Segundo informam os jornais da capital paulista, são levas e mais levas de camponeses que caminham léguas e léguas em busca de outros afazeres que não sejam lavrar um pobre pedaço de terra, sob a ameaça do proprietário, sem qualquer garantia, perdendo tudo, muitas vezes, às vésperas da colheita, como temos noticiado.

O "Hoje", de São Paulo, de 25 de abril último, publica uma correspondência de Itapetininga, relatando a fuga de meia centena de camponeses que abandonavam as terras de Angatuba, onde trabalhavam de sol a sol para ganhar Cr$ 8,00 e Cr$ 6,00, "a sêco", por dia. Iam em busca de uma falada "variante" da Estrada de Ferro Sorocabana, em Botucatú. E, para cúmulo, êsses miseráveis retirantes tiveram seus passos embargados pelas autoridades policiais de Itapetininga, que lhes exigiam os "passes", a fim de poderem continuar a viagem.

Como se vê, sem que seja tomada qualquer providência decisiva para a solução do problema da terra no país as autoridades governamentais ainda procuram, violentamente, impedir uma consequência natural da grave crise que atravessamos, o êxodo dos sem terra.

E' impossível tentar fixar o homem ao sólo quando êsse sólo não lhe pertence, quando êsse homem é vítima de um brutal regime em que os restos feudais na agricultura ainda prevalecem.

As medidas adotadas pelo govêrno, ultimamente, têm apenas concorrido para agravar mais ainda a situação, já por si desesperadora das populações camponesas. O tratamento do arroz, do feijão, da batata, dos legumes, dos produtos agrícolas em geral, enquanto continuamos a adquirir produtos industriais pelos preços que os produtores impõem, não constitui solução para a crise econômica, mas é um fator para que ela se agrave cada vez mais.

Daí o abandono do campo pelas massas de camponeses sem terra, como se vê pela carta abaixo, que nos dá um retrato vivo da situação a que chegou o trabalhador agrícola, inclusive pelo fato de estar ganhando consciência de sua situação e denunciando-a a quem julgar que melhor sabe lutar pelos seus interêsses. Eis a carta a que nos referimos:

"Companheiros e Senador Luis Carlos Prestes.

Companheiros, esta tem por fim de participar-lhes vários pontos que nós camponeses sofrendo por uma grande exploração por causa dos latifúndios e dos restos feudais em nossa pátria. E êstes são os pontos discutidos aqui no bairro do Itapirú, Distrito de de Artemis, Município de Piracicaba. Aqui estamos os camponeses alguns com pequena propriedade, e outros que não tem sequer um espaço de terra, e êstes estão sujeitos a passar pelas garras dos latifúndios e êste que tem uma pequena propriedade também estão sujeitos à exploração porque mesmo que êle tenha a propriedade, o que êles colhem tem um preço tabelado, muito baixo, mas o que temos que comprar não tem tabela de acôrdo, mesmo desde ferramentas agrícolas, que nós camponeses já não podemos mais nem trabalhar, porque não podemos comprar nem mesmo as ferramentas. Ainda alguns camponeses se acham sujeitos a com uma pequena propriedade que possuem, a deixá-la sem proveito e porque tem uma Companhia que é do engenho Central, que plantou eucalíptos em cima da divisa, sem deixar uma quantia para que os pequenos camponeses pudessem aproveitar até o que não lhe pertence, sendo o pobre camponês obrigado a deixá-la abandonada aquela terra que não dá para plantar por causa da sombra. Aqui nós camponeses temos outro ponto que estamos rodeado de usina de açúcar e não temos açúcar para fazer café, e ademais vamos comprar este alimento, e não o achamos com cartão mas nos ofereceu no cambio negro, e como não temos aquela quantia que nos pediu, somos obrigados a passar sem esse alimento. E ainda fomos obrigados a fazer um requerimento porque não tinhamos pão, e nossos filhinhos nos pediu pão, e o entregamos ao Prefeito mas ele não deu importancia e ainda disse que nós camponeses não precisavamos de comer pão. E os camponeses dizem que vão ser obrigados a deixar a cozinha porque não tem mais o que cozinhar não tem, em primeiro, trigo, não tem carne, não tem açucar, e já não se acha mais o que fazer de comer.

Companheiros! Aqui em prazo de trez anos já diminuiu 40% dos camponeses, porque já não podiam mais viver, e os que ficamos seremos obrigados a abandonar a lavoura. Se continuar a exploração desta forma nós camponeses estamos dispostos a trabalhar, mas queremos terras que sejam suficientes, e que não sejamos explorados. E ainda nós camponeses não temos assistência médica nem santa casa, porque esta é só para gente rico, e não podemos trazer nossa casa um médico por que o que ganhamos num ano, ele cobra numa consulta porque não temos nem mesmo estrada.

Companheiro! Do que eu tenho lido num jornal que os outros deputados dizem que o que o senador Prestes diz a miseria do povo, eles dizem que isso é tabus, mas neste eu lhe digo que lhe dou prova, que não é tabus, são miserias e mais miserias

(a) Francisco Angulo Cuevas (junto se achavam 18 camponeses)".

Células De Camponeses Em Presidente Prudente

O camarada Moacir de Oliveira, secretário da "Célula Décio Pinto de Oliveira", escreveu-nos dizendo que tem sido razoável o trabalho de organização de células nos meios rurais do município paulista de Presidente Prudente, onde os camaradas destacados para êste trabalho têm encontrado a maior boa vontade possível por parte dos camponeses. E' de se entusiasmar, informa o companheiro, a animação das Células "União", "La Pasionária" e "25 de Março", organizadas pelos nossos camaradas e dirigidas por camponeses esclarecidos.

Rui Barbosa, a Libertação e o Feudalismo

Duas semanas antes de 13 de maio de 1888, em discurso que pronunciou na Bahia, e certo já da vitória definitiva da causa abolicionista, Rui Barbosa exortava a opinião pública do país a não aceitar a abolição como o "têrmo de uma aspiração satisfeita". A abolição, no seu entender, exprimia apenas um "fato inicial", um "ponto de partida", o "lema de uma idade que começa; depois dela, em consequência dela, em conexão com ela, "reforma sôbre reforma", outras reformas deviam ser reivindicadas:

"...a liberdade religiosa, a democratização do voto, A DESENFEUDAÇÃO DA PROPRIEDADE, a desoligarquização do senado, a federação dos estados unidos brasileiros... com a coroa, se esta lhe fôr propícia, contra e sem ela, se tomar o caminho".

CALENDÁRIO

MAIO

DATAS NACIONAIS

8 — 1945 — Vitória das Nações Unidas sôbre o nazi-fascismo.
10 — 1930 — Morte de Siqueira Campos.
11 — 1874 — Nascimento de D. Leocádia Prestes, mãe de Luiz Carlos Prestes.
13 — 1888 — Abolição da escravatura no Brasil.
16 — 1825 — Reunião do II Congresso do Partido Comunista do Brasil.
22 — 1945 — Circula o primeiro número do diário "Tribuna Popular".
23 — 1945 — Discurso de Prestes no Estádio do Vasco da Gama, no Rio, depois de nove anos de encarceramento.

DATAS INTERNACIONAIS

11 — 1924 — O Partido Comunista da França obtem nas eleições gerais a maior votação até então conquistada: 900.000 votos.
12 — 1916 — James Connolly, chefe revolucionário irlandês, é fuzilado em Dublin.
13 — 1905 — III Congresso do Partido Operário Social-Democrata Russo (bolchevique) em Londres.
15 — 1925 — Execução de Tomas Munzer, chefe dos camponeses revoltosos da Alemanha.
— 1943 — Dissolução da Internacional Comunista.
16 — 1871 — A Comuna de París, em perigo, lança um apêlo aos camponeses.

Problema Social No Brasil Ainda é, Como No Tempo Do Sr. Washington Luis, "Caso De Polícia"

A propósito das greves camponesas verificadas ultimamente, um jornal de São Paulo publicou a seguinte notícia:

"O delegado de polícia de Getulina, sr. Claudionor Moreira Carvalho, telegrafou ao sr. Venancio Aires, chefe do Departamento de Ordem Política e Social, informando que na fazenda Santa Helena, propriedade do sr. João Penteado, se declararam em greve 11 famílias de colonos. O Sindicato Misto de Getulina estava amparando os grevistas em suas pretensões e já haviam sido presos os principais instigadores do movimento, que são: Alcides de S. Vemélio, João Saladine, Avelino José da Cunha e Afonso Esperidião de Lima. Os presos foram enviados ao delegado regional de Baurú..

O delegado, sr. Venâncio Aires, ordenou ao seu colega, sr. Leopoldo Mendes da Costa, que seguisse para Getulina, a fim de providenciar sôbre o inquérito a ser instaurado".

Como se vê por esta notícia, os restos do fascismo e os restos do "estado novo", ainda tentam sobreviver. Mais alguns senhores procuram ainda solucionar problemas sociais no Brasil como nos velhos tempos do sr. Washington Luis, a pata de cavalo, considerando-nos "casos de policia", como os considerava o teimoso ancião.

No entanto, os tempos são tão outros que o nosso govêrno se vê forçado — ainda que seja por simples demagogia — a assinar compromissos de honra como os contidos na Ata de Chapultepec, de 8 de março de 1945, "RECONHECENDO O DIREITO DE ASSOCIAÇÃO E O DIREITO DE GREVE".

Pior para os reacionários: desrespeitam um compromisso internacional assumido em nome do nosso povo, mas em compensação se desmascaram perante êsse mesmo povo e perante os trabalhadores que, na sua luta por melhores condições de vida, têm em sua casa a policia.

O Proletariado Nacional Repele...

TÍTULOS PRINCIPAIS NA 1.ª PÁGINA

Por um ato de violência do ministro do Trabalho, sr. Negrão de Lima, com o auxílio da policia-política dos srs. J. C. de Macedo Soares e do famigerado policial Oliveira Sobrinho, acaba de ser fechada a União Geral dos Sindicatos dos Trabalhadores de Santos

Este ato de violência ditatorial faz parte do plano dos fascistas infiltrados na máquina estatal.

Os fascistas em postos de comando, alguns dos quais foram apontados na Nota da Comissão Executiva, vêm, por etapas, retomando as posições que a reação foi obrigada a abandonar quando da debacle nazi-fascista na Europa. Desesperados ante a atitude firme e exemplar dos trabalhadores das docas de Santos, é contra êles que investem agora, numa fúria terrível, procurando incompatibilizá-los com a opinião pública nacional apresentando-os como "estrangeiros" como Hitler e Mussolini chamavam de judeus a todos seus inimigos Estrangeiros realmente são a Light, a Leopoldina Railway e Tramway e outras emprêsas imperialistas, como os grandes frigoríficos, que sugam o sangue e o suór do proletariado nacional, abarrotando com o fruto de seu trabalho suas arcas na America do Norte, no Canadá, na Inglaterra. Mas esses estrangeiros, contra os quais falamos não por serem estrangeiros mas por serem imperialistas e opressores do nosso povo, são justamente os que dão força e alimentam as provocações dos policiais fascistas, e eles não os consideram perigosos. "Perigosos" para os fascistas nacionais são os operários que lutam por melhores condições de trabalho e se recusam a carregar os navios do criminoso de guerra Franco com as mercadorias que vão alimentar a sua máquina fascista. E por isso mesmo fecham as suas organizações trabalhistas e procuram criar ambiente para sua demissão e possível deportação, "acusando-os" de estrangeiros.

Contra as violências praticadas e as violências arquitetadas protestam os trabalhadores e o povo, em tódo o país. Os protestos se avolumam. Os protestos crescerão até afogar os fascistas enquistados no aparelho estatal em sua própria raiva e em seu ódio zoológico contra os comunistas, contra a classe operária, contra a democracia. O proletariado nacional, ante a ameaça crescente que pesa sôbre tôdas as suas organizações, as palavras do seu líder, Luiz Carlos Prestes, na Constituinte e às palavras de seu Partido:

Terra Para Os Trabalhadores Negros Pedia, Há Mais De Um Século, José Bonifácio

José Bonifácio, na representação que havia elaborado para a Constituinte de 1823, já indicava a conveniência de converter os negros alforriados em pequenos proprietários, cabendo ao Estado facultar-lhes a possibilidade de adquirir lotes de terra e os meios necessários ao seu cultivo.

Eis o que êle escrevia:

"Todos os homens de côr fôrros, que não tiverem ofício, ou modo certo de vida, receberão do Estado uma pequena sesmaria de terra para cultivarem, e receberão outrossim dêle os socorros necessários para se estabelecerem, cujo valor irão pagando com o andar do tempo".

11-5-1874 - LEOCADIA PRESTES - 14-6-1943

NASCEU em 11 de maio de 1874, em Porto Alegre, na família de um comerciante abastado, mas liberal e progressista, abolicionista entusiasta. Desde muito jovem revelou um caráter muito forte, enérgico e empreendedor. Desejou seguir a carreira do magistério e trabalhar para ser independente, no que foi, naturalmente, impedida pelos pais.

Interessava-se por política e pelos problemas sociais em geral, diferençando-se nisto do comum das moças de seu tempo e do meio social a que pertencia.

Casou-se com o tenente do Exército Brasileiro, Antonio Pereira Prestes, que possuía já uma velha tradição no Exército, pois havia pertencido ao grupo de cadetes da Escola de Estado Maior da Praia Vermelha que, chefiado por Benjamin Constant, marcharam contra as fôrças do Império, na proclamação da República.

Sua vida como esposa de um oficial pobre e inimigo do carreirismo foi dura e trabalhosa, num viajar sem descanso, acompanhando o marido em suas constantes transferências de uma guarnição para outra. Mas as vicissitudes da vida só lhe fizeram aumentar a sua natural energia.

Enviuvou jovem e viu-se com os filhos, ainda pequenos, a braços com uma dura realidade.

A exígua pensão do marido não bastava para cobrir as necessidades mais imediatas e da fortuna dos pais já nada restava.

Longe de esmorecer, dispôs-se a trabalhar para manter e educar os filhos. Trabalhou como modista, costureira para as fábricas, professora particular e também no comércio. Só anos mais tarde conseguiu um pôsto efetivo de professora municipal.

No desempenho destas novas funções destacou-se logo, não só pelos seus dons de educadora como, muito principalmente, pelos seus sentimentos de justiça e humanidade.

Professora noturna, lecionando em bairros pobres e afastados, como Olaria, Bonsucesso, Encantado, etc., conquistava imediatamente a simpatia e a devoção de suas alunas, humildes operárias e domésticas, que sentiam naquela professora uma verdadeira amiga, capaz de entendê-las.

Quando a partir de 1922, o seu filho Luiz Carlos começou a participar na vida política do Brasil, foi Leocádia Prestes a sua principal animadora. Ela que, desde mocinha se interessara por política e pelos destinos da humanidade, compreendeu imediatamente o sacrifício que a pátria lhe pedia e o aceitou sem vacilações.

Em 1930, ao compreender o novo rumo que tomava o seu filho, resolveu liquidar a sua casa, abandonando aquela situação de modesto confôrto, que representava o fruto de tantos anos de trabalho incessante, para ir partilhar o exílio ao lado do filho.

Um ano mais tarde seguia com a família para a URSS, onde viveu mais de quatro anos, acompanhando com entusiasmo a primeira etapa da construção do socialismo.

Leocadia Prestes

Em março de 1936, ao saber da prisão de seu filho, imediatamente se sobrepôs ao choque que lhe produziu a notícia para pensar em como ajudá-lo e ao povo brasileiro naquela emergência.

Aí se inicia uma nova etapa de sua vida, a mais penosa, talvez, de tôda a sua existência.

Aos 62 anos de idade, com a saúde já alquebrada por um vida de intenso trabalho, se resolve a abandonr o sossêgo do lar, o convívio dos filhos, a segurança e o confôrto de que gozava no seio do socialismo, para entregar-se de corpo e alma à luta pela libertação dos presos políticos do Brasil.

Ouviram o seu clamor o povo de Londres e os operários da França, os Lordes da Câmara dos Comuns e os senhores pacifistas da Sociedade das Nações. Por meio de apêlos e manifestações, sua voz se fez ouvir também nas Américas e até no Brasil mesmo, junto às autoridades.

Um dos capítulos mais gloriosos desta luta sem tréguas foi a campnha pela salvação de sua netinha Anita Leocádia, que a Gestapo queria internar num orfanato nazista.

A salvação de Anita Leocádia foi possível, em grande parte, graças à energia sem limites de sua avó que, ante os maiores obstáculos criados pela Gestapo, não esmoreceu nunca.

Em fins de 1938, ao acentuar-se o perigo da guerra na Europa, aceitou o asilo que lhe oferecia o general Lázaro Cardenas, presidente do México. Aí continuou a luta nas duas frentes, pela anistia dos presos políticos do Brasil e pela libertação de Olga Prestes.

Sua ação não se limitava ao México, senão que, através de intensa correspondência com os outros países das Américas, procurava sempre manter um movimento de solidariedade coordenado em todo o Cntinente.

No seu pôsto de combate a foi surpreender a terrível enfermidade que a levaria ao túmulo, depois de oito meses de lenta agonia, em 14 de junho de 1943.

Apesar dos sofrimentos físicos, sempre deprimente, apesar da dôr moral de não poder ver em liberdade os seus dois entes queridos, nunca, nem por um momento, a abandonou a fé na justiça da causa do socialismo, a certeza da vitória da Democracia sôbre o nazi-fascismo.

Mesmo quando as hordas de Hitler avançavam vitoriosamente, devastando o país do socialismo, ela apertava os punhos e secava as lágrimas afirmando aos derrotistas que os nazis "não passariam", já que os povos são invencíveis, dizia, quando defendem uma causa justa.

Foi assim que Leocádia Prestes se fez credora do nome de verdadeira lutadora anti-fsciata, a amiga dedicada de seu filho e do povo brasileiro, para quem deu uma grande parte de sua vida, batalhando sem descanso pelas grandiosas conquistas do mundo democrático de hoje.

Ela está no coração e na memória de todos os brasileiros que a veneram e que lhe prestarão eternamente a mais justa das homenagens considerando-a o símbolo da lutadora anti-fascista brasileira.

18-5-1898 - Siqeira Campos - 10-5-1930

ANTONIO DE SIQUEIRA CAMPOS nasceu em 18 de maio de 1898 no Estado de São Paulo.

Entrou para a Escola Militar do Realengo onde fez um curso brilhante, quer nos estudos teóricos quer nos exercícios práticos. Era o terceiro aluno da turma — a turma dos cadetes da geração da primeira guerra mundial. Na Escola, como era natural, acompanhava-se com grande interêsse o desenrolar da guerra, discutindo-se não só os seus aspectos militares como também os seus aspectos políticos.

Mas a crise econômica decorrente da guerra atingia sobretudo as massas trabalhadoras. Os salários eram baixos, a vida encarecia assustadoramente. Desde meiados de 1917 os operários das grandes cidades brasileiras recorriam à greve como único meio que lhes restava para melhorar a sua situação. Em 18 de novembro de 1918, já terminada a guerra, os operários do Rio de Janeiro, com os operários de tecidos à frente, saíam à rua, reclamando melhores salários e melhores condições de vida e trabalho. O choque foi sangrento, havendo mortes de parte a parte. O govêrno lançou mão de fôrças do exército para conter os grevistas. A Escola Militar recebeu ordem de guarnecer a via férrea entre Bangú e Realengo.

Os cadetes tiveram assim oportunidade de enfrentar uma greve que exigia explicação mais profunda, um rude fato social que os atingia de modo tão dramático. Viam operários lutando por um pouco mais de pão e mulheres que lutavam ao lado pais e esposos atacados pela polícia.

Pela primeira vez os cadetes sentiram, em sua terrível realidade, o que era a questão social, que até então lhes aparecia de maneira confusa e obscura.

Siqueira Campos recordaria, mais tarde, com emoção, aqueles episódios de greve de 1918, momento agitado das lutas de classe e dos problemas consequentes à guerra de 1914.

Terminado o curso na Escola do Realengo, Siqueira Campos foi diretamente para o Forte de Copacabana e ali continuou a se distinguir entre os seus colegas. O 5 de julho de 1922, cortando a sua carreira militar, abriu o caminho para a sua nova carreira política e revolucionária.

Siqueira Campos

Ferido, preso, foragido, exilado — em 1923 estava Siqueira Campos em Buenos Aires de onde partiria em seguida ao irrompimento do levante de 5 de julho de 24 em São Paulo.

As tropas do general Isidoro Dias Lopes se haviam retirado de São Paulo, rumo à foz do Iguassú. Em outubro levantam-se diversas guarnições do Rio Grande do Sul, sob o comando do capitão Luiz Carlos Prestes, e, partem para o norte em apôio as tropas do general Isidoro. Siqueira Campos encontra-se no comando de uma dessas guarnições — e daí por diante acompanhará até o fim a formidável marcha da Coluna Invicta, comandando um dos seus destacamentos, tendo comandado no final da marcha da Coluna o famoso 3.º destacamento isolado.

Viveu no exílio sempre conspirando, voltou ilegalmente ao Rio e a São Paulo sob o nome de professor Toledo, conseguindo por várias vezes iludir a perseguição policial.

Não concordava com a situação existente no país, rebelava-se contra a tirania e a prepotência e lutava pelas liberdades democráticas. Era um espírito irrequieto com uma formação pequeno-burguesa. Em 1929 e 1930 começou a ler e estudar sôbre os problemas sociais e encaminhava-se, ao lado de Luiz Carlos Prestes, para o movimento comunista, quando foi chamado a atuar na conspiração da Aliança Libertadora em 1930.

Na viagem de avião que fazia de Buenos Aires para S. Paulo no dia 10 de maio de 1930, em companhia de João Alberto, perdeu a vida, quando o aparelho se despencou na praia de Ramiro.

Hoje, certamente, Siqueira Campos, se ainda fosse vivo, estaria ao lado de Prestes no Partido Comunista do Brasil, como está o seu companheiro da Coluna, Trifino Correia.

PARA COMPRA DE OFICINAS PARA A "CLASSE OPERÁRIA"

Estiveram em nossa redação, onde vieram trazer sua contribuição para a Campanha de Ajuda à CLASSE OPERÁRIA as seguintes pessoas:

	Cr$
Mario Nunes Prado	50,00
Rubens R. Cabral	20,00
Dario Silva Haur	50,00
Raymundo Carvalho	10,00
Mirian	50,00
Camilo Carmona	20,00
Julia M. Mesplé	20,00
Contribuição dos evangélicos por ocasião da sabatina com o camarada Pres[illegible]	[illegible]

AVE DE RAPINA ☆ por GROPPER

13 DE MAIO DE 1888
13 DE MAIO DE 1946

LEVANTANDO o espectro do comunismo, a reação tem procurado, em todo o mundo e em todas as situações críticas para ela, desde os meados do século passado, atemorizar o povo, visando unicamente preservar os interesses das minorias reacionárias em nome dos interesses populares.

Em nosso país, não é de agora que o fantasma do comunismo serve de bandeira à reação nos momentos de crise aguda quando ela precisa lançar mão de métodos violentos para que a democracia não avance.

Em 1937, foi em nome da defesa da Pátria do "perigo comunista" que os mais reacionários agentes imperialistas no Brasil fizeram tábua raza das poucas liberdades democráticas existentes e implantaram uma ditadura que mergulhou o país numa crise que ainda se prolonga e se agrava justamente por não terem sido eliminados os remanescentes do fascismo do govêrno eleito a 2 de dezembro.

Muito a propósito, citamos aqui alguns trechos dos Anais da Câmara dos Deputados da segunda metade do século passado, quando estava em voga a abolição da escravatura, quando os proprietários de escravos ou seus advogados no Parlamento se levantavam como feras contra os que se batiam pela abolição da exploração do homem de cor.

Na leitura dessas palavras, em vez de **escravos** tenha-se em mente **terra ou liberdades democráticas**, e troque-se o nome de Souza Carvalho por muitos constituintes e jornalistas de hoje, e teremos atualizados os trechos citados.

Em 1871, o govêrno chefiado pelo Visconde do Rio Branco, em cuja vigência se promulgou a Lei do Ventre Livre, (28-9-1871) pela qual os nascidos de mães escravas eram considerados livres, foi qualificado pelos escravocratas, de "GOVÊRNO COMUNISTA, GOVÊRNO DE MORTICINIO E DE ROUBO" (Anais da Câmara dos Deputados, sessão de 31-7-1871).

★

Certo deputado escravocrata disse nessa época que o projeto apresentado pelo govêrno Rio Branco (feito lei em 28-9-1871), desfraldava as velas "POR UM OCEANO ONDE VOGA TAMBEM O NAVIO PIRATA DENOMINADO A INTERNACIONAL". (Anais da Câmara dos Deputados, tomo IV, 1871, pág. 26).

★

Do deputado escravocata Souza Carvalho são estas palavras contra o projeto de lei de 15 de julho de 1884, apresentado pelo gabinete Souza Dantas, estabelecendo a emancipação para os escravos sexagenários:

"ESSE PROJETO ME PARECE UM MEIO DE SUICIDIO DA NAÇAO, DE SUPLICIO DA CONSTITUIÇÃO, DE RUINA DOS PARTICULARES E DO TESOURO PUBLICO, DE BANCARROTA DO ESTADO, DE GRANDE NATURALIZAÇAO NESTE PAIS PARA AS DOUTRINAS DO COMUNISMO E SUA DESENFREADA APLICAÇAO". (Voto em separado do parecer de Rui Barbosa, 4-8-1884).

DOS CLASSICOS

A PROPAGANDA DO PARTIDO. A EDUCAÇÃO MARXISTA-LENINISTA DOS MEMBROS E DOS QUADROS DO PARTIDO

J. STALIN

EXISTE outro ramo de trabalho do Partido, de muita importância e responsabilidade, que, no período que abrange êste informe, sustentaram o Partido e seus órgãos dirigentes: a propaganda e a agitação do Partido, verbal e escrita; o trabalho de educação dos membros do Partido e dos seus quadros no espírito do marxismo-leninismo, o trabalho destinado a elevar o nível político e teórico do Partido e de seus militantes.

E' quase desnecessário falar detidamente sôbre a significação tão importante do trabalho de propaganda do Partido, o trabalho da educação marxista-leninista de nossos militantes. Refiro-me não só aos colaboradores do aparêlho do Partido, mas também aos quadros das organizações das Juventudes Comunistas, dos sindicatos, das organizações comerciais, militares e outras. E' possível organizar satisfatoriamente a regularização da composição do Partido e da vinculação dos órgãos dirigentes ao trabalho de bsae; pode-se organizar satisfatoriamente a promoção de quadros, sua seleção e distribuição; mas, se com tudo isto, por uma razão ou outra, começar a falhar nossa propaganda do Partido, se o trabalho da educação marxista-leninista de nossos quadros principiar a esmorecer, se fraquejar nosso trabalho de elevação do nível político, e cultural dêsses quadros, e êstes, em consequência, deixarem de se interessar pela perspectiva de nosso progresso, deixarem de compreender a justeza de nossa causa e se converterem em burocratas sem perspectivas que cumprem cega e mecanicamente as ordens de cima, então, todo nosso trabalho, do Estado e do Partido, terá forçosamente que esmorecer. E' necessário reconhecer como um axioma que quanto mais elevado for o nível político e o grau de consciência marxista-leninista dos trabalhadores de qualquer ramo do trabalho do Estado e do Partido, tanto mais elevado e frutífero será o seu trabalho tanto mais eficientes serão os resultados do mesmo, pelo contrário, quanto mais baixo for o nível político e o grau de consciência marxista-leninista dos trabalhadores tanto mais prováveis serão as falhas e os fracassos no trabalho, tanto mais prováveis serão a mesquinheza e a degradação dos militantes que se converterão em péssimos burocratas, tanto mais provável será sua degeneração. Pode-se afirmar com segurança que se pudéssemos educar ideologicamente nossos quadros em todos os domínios do trabalho e temperá-los politicamente de maneira que chegassem a se orientar facilmente quer na situação interna quer na externa, se conseguíssemos convertê-los em marxistas-leninistas completamente amadurecidos, capazes de resolver os problemas da direção do país sem cometer erros graves, teríamos tôda razão para considerar resolvidos os nove décimos de todos nossos problemas. E indiscutivelmente, podemos resolver êsse problema, porque dispomos de todos os meios e possibilidades necessários para resolvê-lo.

Geralmente realizamos a educação e formação dos quadros jovens, nos diversos ramos da ciência e da técnica, de acôrdo com as especialidades. Isto é necessário e conveniente. Não é necessário que um médico especializado seja, ao mesmo tempo, especializado em física ou botânica, e vice-versa. Mas há um ramo da ciência, cujo conhecimento deve ser obrigatório para os bolcheviques de todos os ramos científicos: a ciência marxista-leninista sôbre a sociedade, sôbre as leis de seu desenvolvimento, sôbre o desenvolvimento da edificação socialista, sôbre o triunfo do comunismo. Porque não pode ser considerado como verdadeiro leninista aquele que se chama de leninista, mas que se encastelou, por exemplo, nas matemáticas, na botânica ou na química, e que não enxerga nada além de sua especialidade. Um leninista não pode ser unicamente um especialista na ciência de sua predileção, mas deve ser, ao mesmo tempo, um homem ativo na vida política e social, que se interêsse vivamente pelos destinos de seu país, que conheça as leis do desenvolvimento social, que saiba utilizá-las e deseje tomar parte ativa na direção política do país. Isto, é claro, será mais uma tarefa complementar para os especialistas bolcheviques. Mas será uma tarefa que lhes será retribuída com vantagens.

A tarefa da propaganda do Partido, a da educação marxista-leninista dos quadros, consiste em ajudar nossos quadros em todos os ramos de trabalho e assimilar a ciência marxista-leninista sôbre as leis de desenvolvimento da sociedade.

O problema das medidas destinadas a melhorar o trabalho de propaganda e da educação marxista-leninista dos quadros tem sido objeto de estudo constante por parte do CC. do P. C. (b) da URSS com a participação de propagandistas de diversas organizações regionais do Partido. Nesse estudo foi levado em consideração o aparecimento do "Compêndio de História do Partido Comunista (bolchevique) da URSS", em setembro de 1938. Foi comprovado que sua publicação deitou as bases para um novo desenvolvimento da propaganda marxista-leninista em nosso país. Os resultados dos trabalhos do CC. do P. C. (b) da URSS foram tornados públicos em sua conhecida resolução "Sôbre a organização da propaganda do Partido em relação ao aparecimento do "Compêndio de História do Partido Comuinsta bolchevique) da URSS".

Partindo dessa resolução e levando em conta as conhecidas resoluções do Pleno do CC. do P. C. (b) da URSS do mês de março de 1937, "Sôbre as deficiências do trabalho do Partido", o CC. do P. C. (b) da URSS determinou as seguintes medidas principais para eliminar os defeitos na propaganda do Partido e para melhorar o trabalho da educação marxista-leninista dos membros e dos quadros do Partido:

1 — Concentrar num só lugar o trabalho de propaganda e agitação do Partido e fundir as secções de propaganda e agitação com as da imprensa, sob uma única Secção de propaganda e agitação, anexa ao CC. do P. C. (b) da URSS, organizando as correspondentes secções de propaganda e agitação em cada organização da República, território e região do Partido

2 — Considerando errado o entusiasmo excessivo pelo sistema de propaganda através dos círculos e julgando mais util o método do estudo individual das bases do marxismo-leninismo pelos membros do Partido, concentrar a atenção do Partido na propaganda pela imprensa, assim como na organização de um sistema de propaganda por meio de conferência.

3 — Organizar, em cada centro regional, cursos anuais para o aperfeiçoamento de nossos quadros de base.

4 — Organizar, em vários centros de nosso país, Escolas Leninistas com cursos de dois anos para nossos quadros do grupo intermediário.

5 — Organizar uma Escola superior de marxismo-leninismo, anexa ao CC. do P. C. (b) da URSS, com cursos de três anos, para formar quadros teóricos qualificados do Partido.

6 — Formar, em vários centros de nosso país, Cursos anuais para o aperfeiçoamento dos propagandistas e jornalistas.

7 — Criar, anexos à Escola superior de marximo-leninismo, Cursos de 6 meses para o aperfeiçoamento dos professores de marxismo-leninismo nas Universidades.

Não há dúvida de que a realização dessas medidas, que já estão sendo postas em prática, mas ainda em proporção insuficiente, não tardará a produzir resultados positivos.

(Do informe lido perante o XVIII Congresso do P. C. (b) da URSS, em 10-3-1939).

A CLASSE OPERÁRIA

Diretor responsavel:
MAURICIO GRABOIS
Redação e Administração:
Av. Rio Branco, n.° 257-17.° and; Sala 1.711 — RIO
Assinatura: Anual, Cr$ 30,00 — Semestre, Cr$ 15,00
Número avulso: — Capital, Cr$ 0,50 — Interior, Cr$ 0,00
Número atrazado: — Cr$ 1,00

A LUTA PELA PAZ

PASSADO um ano da conclusão vitoriosa da guerra para as democracias, com o completo esmagamento militar das fôrças fascistas no mundo, é o problema da paz que deve preocupar hoje todos os povos. Imensos são os impecilhos que encontram os vencedores para estruturarem uma paz se- impossivel como querem fazer acreditar as fôrças reacionárias. Ela é perfeitíssima e possivel, como possivel foi a unidade das grandes democracias capitalistas e da democracia socialista para o esmagamento do nazi-fascismo.

Por que está sendo dificil a paz firme? Justamente porque ponderáveis fôrças fascistas ainda subsistem organizadamente à destruição militar do fascismo. Seus fundamentos econômicos permanecem vivos. Ainda temos em plena Europa destruida mas libertada cancros fascistas como a Espanha de Franco, onde continuam em armas fôrças do derrotado exército imperialista alemão. Ainda presenciamos a ação de fôrças imperialistas na China, na Indonésia, na Grécia, num completo desprêzo pelos acôrdes internacionais das Três Grandes Potências assinados em Ialta, e Potsdam e posteriormente na Conferência de São Francisco. Um ano depois de finda a guerra, vemos os imperialistas americanos manterem poderosas fôrças armadas em todo um continente, inclusive em nosso país, sem que se conheça qualquer acôrdo ou tratado regulando a utilização dessas bases militares. Houvesse mesmo tratados e acôrdos, eles não mais se justificariam e apenas demonstrariam que algumas fôrças capitalistas em crise procuram novamente uma saida guerreira para suas dificuldades. E por isso mesmo lutam por colônias, lutam por fontes de matérias primas, lutam por mananciais de escravos para sua rapinagem futura.

São essas fôrças que estão impedindo a consolidação da paz. São essas fôrças que devem ser eliminadas a fim de que a guerra imperialista em preparo não sobrevenha, como fatalmente ocorrerá se não forem eliminados os restos do fascismo e suas raizes econômicas, em cada país.

Em plena paz ainda não consolidada, o presidente dos Estados Unidos, de braço dado aos provocadores de guerra imperialistas, propõe a constituição de exércitos em todos os países latino-americanos, de acôrdo com normas ditadas pelo Departamento de Estado, embora ao mesmo tempo o próprio Truman se arvore em defensor da paz. Visivelmente, não é lutar pela paz construir grandes exércitos, num "pan-americanismo" muito suspeito e em tudo semelhante ao pan-germanismo de Hitler no continente europeu. E se os povos unidos lutaram para que o imperialismo alemão fosse eliminado da Europa, não serão os povos latino-americanos, que também derramaram seu sangue na guerra de libertação, que vão aprovar os oferecimentos belicosos de Mr. Truman, querendo submeter o nosso ao exército norte-americano, quando precisamos é de paz, de liberdade, de democracia, de progresso, quando queremos desenvolver ao máximo as nossas possibilidades econômicas para nos tornarmos independentes da exploração imperialista.

Paz sólida e manobras guerreiras imperialistas não se coadunam. As fôrças que hoje tratam de rearmamentos e fazem chantages com a bomba atômica não desejam o estabelecimento de uma paz duradoura. Elas querem apenas uma trégua para prepararem a nova guerra, desta vez uma guerra de conquistas e rapinas, uma guerra que poderá converter o mundo numa só colônia de uma só potência imperialista — o velho sonho dos Hoover, dos Wandemberg, estimulados pelo ex-premier Churchill em desespêro ante a possível derrocada do império britânico.

A luta pela paz, portanto, deve ser a nossa luta. Ela só será eficiente com a unidade dos povos e com a união nacional em cada país. Com os protestos firmes contra as medidas que favoreçam os imperialistas e a reação. Com a denúncia das intromissões das fôrças imperialistas nos assuntos internos dos nossos países. Com a exigência de que as nossas bases militares nos sejam devolvidas. Com a luta pela auto-determinação das Nações. Com a luta ininterrupta pela democracia em cada um dos nossos países, pela melhoria das condições de vida, como base para a paz, o progresso e o bem-estar dos nossos povos, de todos os povos amantes da liberdade.

UNIDADE IMPRESCINDÍVEL

A nota da Comissão Executiva do Partido Comunista é um alerta ao proletariado e ao povo contra as mais recentes manobras e provocações dos fascistas infiltrados no govêrno e da reação em geral.

Estão se verificando agora fatos previstos pelo Partido há precisamente meio ano, quando da apresentação do informe político do Comitê Nacional, no Pleno de Janeiro. Para o Partido não há nenhuma surpresa nesta situação de crise politica a que chegamos devido à incapacidade do govêrno para solucionar em favor do povo os graves problemas econômicos e financeiros do país.

O informe de Janeiro não só havia previsto que o govêrno poderia cair nos braços dos reacionários e remanescentes fascistas, como ainda apontou os meios para que o povo se armasse politicamente a fim de não cair nas provocações que fatalmente surgiriam caso o govêrno escolhesse o caminho da reação.

E o resultado é o que vemos hoje com os nossos próprios olhos. Tendo embora se encaminhado para o lado da reação, cujos elementos mais influentes no govêrno vêm desencadeando uma tremenda onda contra a democracia e em particular contra a vanguarda da democracia, que é o Partido Comunista, as medidas, os atos de violência inclusive encontraram o povo politicamente preparado para receber com altivez e coragem as investidas dos reacionários infiltrados no govêrno.

Vemos quantas dificuldades está encontrando a reação para levar avante seus planos, que na verdade não estão sendo executados na medida de seus desejos, não só por não encontrarem éco entre as grandes massas do povo, mas ainda por encontrarem repulsa decidida de tôda a Nação.

Não tem sido somente o proletariado, não tem sido somente o povo, as camadas mais pobres da população, que prefeririam ver solucionados os grandes problemas nacionais, que estão reagindo aos arreganhos dos reacionários, dirigidos, todos sabemos, por aqueles elementos mais diretamente ligados ao capital colonizador norte-americano. Outras camadas da população, as classes médias, parte da chamada grande imprensa, mesmo alguns elementos do govêrno enxergam claramente que este não é o caminho e, mais, que o atual caminho seguido pelo govêrno poderá lhe ser fatal, caso vá, como querem os reacionários, às últimas consequências, não ficando nas proibições de comicios e na tentativa de suprimir as greves, mas inclusive arrancando ao povo as próprias liberdades populares recem conquistadas depois da queda do nazi-fascismo. São realmente pequenissimos os elementos que apoiam a ação dos fascistas e reacionários infiltrados do govêrno no seu intento de destruir a débil democracia que temos. A imensa maioria do povo brasileiro reage às provocações e as violências, porque reconhece que elas atentam contra a democracia e visam diretamente o Partido Comunista apenas para eliminar do caminho o mais forte baluarte da defesa da democracia que tem sido o Partido.

Daí a necessidade de união dessas fôrças, a fim de que sua luta contra os reacionários seja eficiente e não fique em discursos parlamentares ou entrevistas à imprensa. Essa unidade precisa ser concretizada em acordos formais, não só visando as próximas eleições mas a própria ampliação e consolidação da democracia. Dessa união depende inclusive a futura Constituição da República, que não deve ser uma cópia em termos novos da Carta fascista de 37, mas uma verdadeira Constituição, uma Constituição democrática que possibilite a confiança do povo no govêrno a fim de que esse mesmo govêrno se sinta suficientemente forte para eliminar de seu seio os elementos fascistas e reacionários e poder resolver os problemas em crise.

O Partido Comunista, os seus próprios antagonistas têm que reconhecê-lo, vem se mostrando o mais consequente de-

(Conclui na 6ª. página)

O PLANO QUINQUENAL PARA O PERIODO DE 1946-1950

Informes De Nikolai Vosnesenski, Presidente Da Comissão Do Plano Do Estado, Pronunciado Na Reunião Conjunta Das Duas Câmaras Soviéticas a 15 De Março De 1946

IV — Conclusão

...os gastos do Estado para a satisfação das necessidades culturais e materiais dos trabalhadores da cidade e do campo (exceto os gastos do Estado para a construção urbana) aumentarão em ... 1950, segundo o plano quinquenal, para 106.000 milhões de rublos, isto é, serão 2,6 vezes maiores que em 1940. O número de escolas primárias de sete cursos, assim como de escolas secundárias, aumentará em 1950 para ... 193.000, isto é, atingirá o nivel de ante-guerra; o número de alunos será de 31 milhões e 800.000. O número de estudantes em centros de estudo superior chegará em .. 1950 a 674.000 e o de aluno em escolas secundárias especiais, a um milhão e 280 000 Em 1950, os jardins de infância poderão abrigar a 2 milhões e 270 mil crianças, ou seja, o dobro em comparação com 1940. O Estado assegura integralmente a educação em casas para crianças de todos os órfãos cujos pais foram mortos durante a guerra patriótica.

O número de lugares nos hospitais aumentará em 1950 para 985.000 contra 710.000 em 1940, e o número de lugares em berçários permanentes alcançará a cifra de 1 milhão e 250.000, em lugar dos 859.000 de 1940. Será inteiramente restaurada a rede de casas de repouso e de sanatórios para operários, camponeses e intelectuais e assegurar-se-á a assistência médica para os inválidos da pátria. O número de aparelhos cinematográficos chegará em 1950 a 46.700 em contraposição com os 28.000 de 1940.

Será inteiramente restaurada a rede de teatros, clubes e bibliotecas nas cidades e aldeias. Prosseguirão desenvolvendo-se a televisão e o cinema em cores. Durante os cinco próximos anos serão invertidos em vivendas,.. 42.300 milhões de rublos e serão postos em exploração um fundo de vivendas do Estado nas cidades e povoados operários num volume total de 72 milhões e 400.000 metros quadrados. O volume de circulação de mercadorias no comércio varejista do Estado e das cooperativas, chegará em 1950 a 270.000 milhões de rublos, com o que estará superada a circulação de mercadorias em 1940 de 28 por cento. Desta forma, não somente se alcança o consumo pessoal dos principais artigos alimenticios e industriais de antes da guerra, mas também supera-se-o grandemente.

O plano quinquenal prevê a anulação do sistema de cartões e o abastecimento normal da produção, bem como a passagem de um comércio soviético desenvolvido. Em 1946, serão anulados os cartões de racionamento do pão, farinha, legumes, macarrão; durante 1946-47, será totalmente abolido o sistema de cartões para as demais mercadorias. O desenvolvimento do comércio soviético à base da anulação do sistema de cartões e da baixa sistemática dos preços das mercadorias consolidarão a circulação monetária e aumentarão o valor do rublo soviético em tôda a vida econômica do país.

Quanto à distribuição das fôrças produtivas pelas Repúblicas Federadas e regiões econômicas da URSS, o plano quinquenal parte da necessidade de restaurar a economia nas zonas edificadas, do desenvolvimento da economia em todas as Repúblicas federadas e regiões econômicas do país à base de aproximar tanto quanto possível a indústria e as fontes de matérias primas e as zonas de consumo. Em relação com isto, o plano quinquenal prevê: aumento das obras capitais em todas as Repúblicas Federadas e regiões econômicas da URSS, principalmente na Sibéria e no Extremo Oriente. Do total de inversões de capitais na economia nacional da URSS durante o plano quinquenal, cêrca de 115.000 milhões de rublos estão destinados à restauração da economia das zonas danificadas. Para o desenvolvimento da economia nacional em outras regiões do país, são destinados cêrca de 138.000 milhões de rublos de inversões centralizadas de capital.

Limita-se a construção de fábricas em Moscou, Leningrado, Kiev, Jarkov, Rostov, Gorki, Iosuverdlovski. O programa quinquenal prevê a distribuição das emprêsas industriais em novos distritos e cidades que dispõem dos correspondentes recursos de combustiveis de energia e matéria prima. Nas regiões da URSS, onde dominaram temporariamente os nazistas, há que ressucitar cidades e aldeias destruidas, o transporte fluvial, a agricultura, as instituições culturais e instaurar condições de vida normais para os homens soviéticos libertados da escravidão fascista. Durante a guerra patriótica, foram já restabelecidas parcialmente nessas zonas, milhares de emprêsas industriais, mais de 1.800 solkoses e 3.000 parques de máquinas e tratores, foram restaurados 85.000 kolkoses, cêrca de 6.000 hospitais e mais de 60.000 escolas. Nas cidades afetadas pela ocupação, foram construidos e reparados 17 milhões e 900.000 metros quadrados de vivendas e um milhão, 260 000 casas em aldeias. Contudo, nas zonas da URSS danificadas pela ocupação foi realizada apenas uma pequena parte das obras de restauração. A missão essencial do plano quinquenal no terreno da restauração da economia nacional nas regiões da Rússia, Ucrânia Bielorússia, Lituânia, Moldávia, Letônia, Estônia, República Carélio-finlandêsa, danificadas pela ocupação é: alcançar o nivel de ante-guerra na produção industrial e assegurar o crescimento da economia nacional à base de uma maior mecanização do trabalho e da introdução de uma técnica avançada. Isto quer dizer que durante o plano quinquenal, há que aumentar a produção industrial de três vezes naquelas regiões a produção de carvão, e de 5,1 vezes a de ferro, coado e de 4,4 a energia elétrica; em segundo lugar: restaurar a rede e a capacidade das vias férreas, bem como das comunicações fluviais e do transporte rodoviário, o que permitirá alcançar e ultrapassar o nivel de pré-guerra na circulação de mercadorias. Para isto há que aumentar durante o plano quinquenal o transporte por via férrea nas zonas danificadas, de 2,3 vezes, e o transporte fluvial de 6,5 vezes.

Em terceiro lugar: restaurar a agricultura para o que, durante o quinquênio, haverá que aumentar-se de 87 por cento a produção de cereais nas referidas zonas, a de beterraba de 3,2 vezes, a de girassóis de 73 por cento, o número de cabeças de gado vacum em 52 por cento;

Em quarto lugar, restaurar as cidades e aldeias destruidas pelos invasores e, sobretudo, o fundo de vivendas. Para isto, há que pôr-se em exploração durante o plano quinquenal um fundo de vivendas (só do Estado) de 33 milhões e 200.000 metros quadrados; melhorar o nivel de vida da população e elevar ao mesmo tempo o rendimento do trabalho; restaurar a circulação de mercadorias a varejo do comércio Estatal e cooperativo. Para isto há que aumentar a referida circulação durante os cinco próximos anos, em 2,2 vezes; elevar o número de escolas e instituições culturais e de saúde ao nivel de pre-guerra.

Em continuação, Voznesenski estuda detalhadamente as tarefas principais do plano quinquenal em cada uma das dezesseis repúblicas federadas, e em algumas regiões econômicas mais importantes. E como conclusão de seu discurso: "Depois da primeira grande guerra mundial e imediatamente, da da guerra civil, a URSS necessitou de seis anos para restabelecer o nivel da produção industrial de 1913. O plano quinquenal prevê o restabelecimento do nivel da produção industrial da URSS de 1940, para o ano de 1948, e ao finalizar o plano quinquenal, êste nivel será superado consideravelmente. Assim, esperamos levar a cabo a restauração da indústria na metade do tempo invertido para o mesmo trabalho, depois da primeira contenda mundial.

A indústria dos Urais e da Sibéria é de primordial importância para o aceleramento da restauração da economia nacional Em 1945, a produção industrial dos Urais aumentou mais três vezes relativamente a 1940; a produção de ferro coado quase 2 vezes; a extração de carvão mais de duas vezes e a produção de energia elétrica duas vezes. A indústria dos Urais e da Sibéria é o orgulho da indústria soviética e nossa missão é consolidá-la e desenvolvê-la por todos os meios. Temos todas as condições necessárias para alcançar ritmos rápidos na restauração da economia nacional.

Os povos da URSS cresceram do ponto de vista cultural e passaram pela escola histórica da produção soviética. Cresceu e reforçou-se a base industrial das regiões orientais e centrais da URSS. Na União Soviética liquidou-se com as classes exploradoras, garantiu-se a unidade moral e politica extraordinária do povo da URSS. São extraordinárias a confiança e a autoridade do Partido Comunista e do govêrno soviético à cuja cabeça encontra-se nosso grande chefe José Stalin. Nisto reside nossa grande fôrça e a premissa da vitória. Temos de alcançar ritmos rápidos na produção industrial, na agricultura, no transporte e na construção. Diminuir o ritmo na restauração e no desenvolvimento da economia nacional da U. R. S. S. equivale a atrasar-se, e os que se atrasam são batidos. Eis aqui porque é-nos indispensável alcançar o ritmo de desenvolvimento previsto no plano quinquenal. Seguindo as indicações de Lenin e Stalin que não admitem suficiências e orgulhos, depois da vitória, há que exortar os operários, camponeses e intelectuais a aplicar todas as suas energias na rápida restauração e desenvolvimento da economia nacional, ao melhoramento do nivel de vida material cultural do povo soviético.

Stalin nos previne de que não devemos nos limitar a manter as posições conquistadas, posto que isso nos conduziria ao estancamento.

"Devemos continuar avançando a fim de criarmos as condições que permitiram um novo e poderoso desenvolvimento da economia nacional.

Os povos da União Soviética dirigidos pelo Partido Comunista cumprirão e superarão o novo plano quinquenal staliniano. Adiante, para novas vitórias, sob a direção do grande Stalin".

UM EDITORIAL DO "IZVÉSTIA"

O Fracasso Dos Planos De King e Seus Amigos

COMO se sabe, o primeiro ministro canadense King, fez há algum tempo uma declaração que serviu de sinal para uma campanha anti-soviética que se alastrou por todo o Canadá e pelo estrangeiro. Nessa declaração, à qual o senhor King tratou de dar o caráter mais misterioso possível, o primeiro ministro relatou ao mundo que no Canadá fôra descoberta "a revelação de dados secretos e confidenciais a pessoas que não tinham acêsso a êsses dados, entre as quais figuravam alguns funcionários de uma missão estrangeira em Ottawa". A declaração do primeiro ministro canadense não precisava de que missão estrangeira se tratava concretamente. Não havia, porém, necessidade disso, porque imediatamente depois das declarações do senhor King, tôda a imprensa canadense, assim como a imprensa estrangeira, como que obedecendo a uma voz de comando, referiu-se à embaixada soviética em Ottawa como à missão estrangeira cujos funcionários eram mencionados nas declarações do senhor King.

A IMPRENSA "LIVRE"

Ao empreender sua campanha anti-soviética, o govêrno canadense não quis mencionar a embaixada soviética abertamente, por sua própria conta. Ao que parece, preferiu que isso fôsse feito pela imprensa "livre" e pelo rádio canadense que, por assim dizer, "são irresponsáveis". E' preciso notar ainda a circunstância de que o govêrno canadense, intervindo com sua declaração hostil à União Soviética, não achou necessário dirigir-se prèviamente ao govêrno soviético com um pedido de esclarecimentos sôbre o assunto, como é costume entre paises que mantêm relações normais. Como se nota pela declaração do govêrno soviético de [illegible] fevereiro, dirigir-se ao govêrno soviético pedindo um esclarecim[illegible] nem evidentemente podia entrar nos planos do primeiro ministro canadense que visava outras finalidades completamente diversas, que nada tinham em comum com os interêsses da segurança do Canadá, os quais nem por sombra estavam ameaçados, nem poderiam estar, pela União Soviética.

SENTIDO DE UMA CAMPANHA

Na realidade, o recebimento, por alguns funcionários da missão militar soviética no Canadá, de informações secretas que não tinham grande valor para as autoridades soviéticas, não podia, dêsse modo, representar ameaça alguma para a segurança do Canadá, apesar de tôdas as tentativas do senhor King de dar a

(Continúa na 5ª. página)

O Problema Das Fronteiras Da Itália

Por PALMIRO TOGLIATTI

(Secretário geral do P. C. da Itália)

AS fronteiras da Itália, com exceção das suas fronteiras com a Iugoslávia, não haveriam nunca sido postas em discussão, se Mussolini, Vitor Emanuel III e os nacionalistas e imperialistas italianos não tivessem tentado, em 1940, a aventura premeditada há mais de 20 anos declarando guerra aos povos livres da Europa. Hoje, em consequência de mais de 20 anos de uma estúpida e louca politica nacionalista, estão em discussão a fronteira do Ocidente, a fronteira setentrional e a fronteira oriental.

Felizmente o asno de Predappio (Mussolini) e seu real compadre não tiveram a idéia de invadir o cantão Ticino, pois então, também dêsse lado, estariamos recebendo reivindicações. Três fronteiras discutidas: três Estados e três povos, pois, cujas relações devemos examinar muito sèriamente, com a consciência das responsabilidades do passado e com uma calma visão do futuro.

Até agora, a atenção da opinião pública tem se concentrado numa única direção, no Oriente, como se fôsse o problema mais grave. Não compartilho dessa opinião. O problema mais grave das fronteiras é o do Brener, limite alpino natural entre a Itália e as regiões habitadas por densas populações alemãs.

Das regiões orientais, excetuando-se o periodo das grandes emigrações bárbaras, nunca houve um ataque ou uma tentativa de invasão ao nosso país. Sobretudo, nunca êsses ataques nos vieram de povos de nacionalidade eslava. Do Norte, ao contrário, a ameaça de expansão teutônica tem sido permanente. Tôdas as vezes que os povos de lingua alemã se sentiram fortes e animados por seu bárbaro espirito de conquista, lançaram-se contra os povos da Europa para saqueá-los e subjugá-los. Um dos primeiros objetivos foi a Itália, que os tedescos não são capazes de conceber senão como escrava de uma Alemanha dominadora. A defesa contra o menor renascimento eventual de um germanismo agressivo e conquistador, deve, pois, constituir um dos pilares de uma autêntica politica nacional italiana, até que, pelo menos, se tenha conseguido a certeza absoluta de que o perigo desapareceu dêsse lado.

Mas não podemos dizer, hoje, que êsse perigo não existe mais, pois que contra êle todos os Estados, desde a União Soviética até a França e a Inglaterra, estão tomando, por sua própria conta, suas precauções. Se todos tomam precauções para se defenderem, nós também temos o direito de procurar uma garantia, quando por mais não fôsse pelo simples fato de que temos sofrido com as agressões e perfídia teutônicas tanto ou mais do que qualquer um dos outros povos da Europa. Há, entretanto, alemães para cá do Adige.

E' verdade, edevemos conceder-lhes tôdas as liberdades e as autonomias nacionais possiveis; mas o fato de que nossa fronteira continúa sendo o Brener adquire um valor quase fundamental, principalmente hoje quando tôda a Europa continúa abalada e sangrando devido aos crimes tedescos e enquanto o problema da Alemanha está longe de poder ser considerado como resolvido.

Não consigo focalizar da mesma maneira a questão de nossas fronteiras orientais. Antes de mais nada, pela razão acima exposta. Depois, porque os povos da Iugoslávia têm sido vítimas diretas do imperialismo e da odiosa criminalidade fascistas e, por conseguinte, estão entre os que mais direito têm de apresentar à Itália contas a saldar, e de pedir à Europa legítimas garantias. Finalmente, e sobretudo, porque considero que uma politica nacional italiana deve permanecer fiel às idéias diretrizes de Camilo Cavour, de Giuseppe Mazzini e até de Giovani Giolitti, segundo as quais o povo italiano deve ser amigo e íntimo colaborador dos povos eslavos do Adriático, se quizer assegurar, não só sua defesa contra o perigo de um renascente expansionismo teutônico, como seu próprio desenvolvimento econômico e seu futuro na Europa e no mundo. Por isto, nós, os comunistas, sempre fomos contra a insensata campanha nacionalista organizada com finalidades dúbias de politica interna, a respeito de Trieste. Por isto, condenamos como fraudulentas as campanhas de mentira e de ódio que se lançavam contra a Iugoslávia e seu regime de avançada democracia. Por isto, consideramos que foi um êrro não declarar, desde o primeiro instante, que nós mesmos reputamos injusta a fronteira de Rapallo e, sôbre esta base, procurar e encontrar um acôrdo com a nova Iugoslávia. Se o tivéssemos feito e se o tivéssemos reconhecido, nossa posição internacinal teria se fortalecido e agora poderiamos, com muito mais segurança, enfrentar as decisões sôbre as outras fronteiras.

Claro que aqui também as dificuldades não são poucas. Trieste — disse o ministro francês das Relações Exteriores, Bidault — é uma cidade italiana com "interland" eslavo. Exáto. Mas é precisamente daí que surgem as dificuldades. A "italianidade" de Trieste deve ser defendida tendo-se em mente, entre outras coisas, que se trata de uma cidade que sempre aspirou a se governar democràticamente por si própria e, antes de mais nada, que sempre procurou encontrar uma solução destinada a evitar um conflito permanente entre italianos e iugoslavos, criando entre êles um clima de compreensão e de colaboração fraternal.

Porque não oferecermos, nós próprios e nesta parte da Europa, o primeiro exemplo de uma solução nova para aqueles velhos problemas nacionais de fronteiras, solução que — cêdo ou tarde — terá que ser encontrada por alguem, se queremos que os motivos de guerra desapareçam para sempre do mundo?

A questão das fronteiras ocidentais nos parece mais simples. Nós [illegible] mos que o povo francês já esqueceu "a punhalada mussoliniana e saboiarda". Dependerá de nós, que amamos a França porque nos alimentamos com seu pensamento e com sua história, fazê-la esquecer, criando as condições de uma colaboração econômica e política indispensável. Ignoramos, por outro lado, quais possam ser as exigências de retificação de fronteiras da parte da França. Uma eventual eliminação de linhas fortificadas, uma linha fronteiriça completamente desmilitarizada de nossa parte, não são coisas que possam inquietar o povo italiano que quer renunciar sèriamente e para sempre à guerra. Mais graves seriam, ao contrário, retificações susceptiveis de nos causar uma desconfiança total, transformando os extremos dos vales alpinos em posições de "contrôle militar", dirigidas para as nossas planicies. Mas o povo francês sofreu tanto quanto nós por causa da guerra para querer empregar medidas que só seriam justificadas por perspectivas bélicas perigosas e absurdas.

Hoover, Ditador Que Alimenta o Imperialismo Americano

Por William Z. FOSTER

O presidente Truman, designando Herbert Hoover para o alto pôsto de presidente honorário da Comissão de Emergência da Fome, não só insultou o povo dos Estados Unidos, como também vibrou um golpe na democracia mundial. O sr. Hoover é o favorito especial dos grandes monopolistas e imperialistas dos Estados Unidos e sua nomeação só pode ser compreendida no sentido de que irá explorar a fome dos povos da Europa a fim de facilitar o programa de expansão do imperialismo americano. E', ainda, mais um sinal de que o presidente Truman está aceitando de todo o coração os planos dos grandes banqueiros e industriais dêste país, a fim de permitir que a influência do imperialismo americano predomine em todo o mundo.

A situação de fome na Europa e na Ásia é inegavelmente um estado de emergênia. Dez milhões de pessoas estão se consumindo por verdadeira inanição em consequência da devastação e da desorganização decorrentes da guerra. Os Estados Unidos que possuem os maiores recursos alimentícios disponíveis no mundo, têm, portanto, uma grande responsabilidade em aliviar essas condições de inanição. Por êsse motivo, todos os verdadeiros americanos responderão veementemente aos pedidos de alimentos que partem de tantas partes do mundo.

Mas não se pode compreender porque nosso govêrno, desdenhando uma quantidade de personalidades competentes em nosso país e os sentimentos democráticos de nosso povo, delegou ao notório reacionário Hoover a tarefa vital de organizar nossos grandes recursos em alimentos de socorro. Por que não se incumbiu dêste grande trabalho o senhor La Guardia, que está para ser eleito presidente da UNRRA? Então poderia o povo ter absoluta confiança no projeto.

O senhor Hoover foi sistematicamente pintado pela imprensa reacionária dêste país como um grande humanitário. Mas não é possível supor que as grandes massas de trabalhadores, os camponeses, os negros e os veteranos acreditem em tal artifício. Eles têm ainda viva na memória a lembrança de como o então presidente Hoover e seu general MacArthur despediram violentamente as pessoas meio famintas que caminharam até Washington, e de como permaneceu impassível enquanto centenas de camponeses perdiam suas terras, de como pensava unicamente no bem-estar dos ricos, de como permitiu que milhões de operários desempregados morressem de fome sem tomar uma única medida para remediar sua miséria intolerável. Se há uma única personalidade pública neste país que não seja simpatizante calorosa do pobre e do destituído, essa é exatamente o senhor Hoover.

Atualmente, as condições de desamparo do povo europeu são uma poderosíssima arma política em potencial. Um homem que tenha o poder de conceder ou de negar os recursos alimentícios a uma nação faminta está capacitado, ao mesmo tempo, para exercer uma poderosa influência na política dêsse país. E seríamos tôlos se não supuséssemos que o senhor Hoover fará exatamente êsse uso de seus atuais poderes.

No período que se seguiu à Primeira Guerra Mundial, Hoover empregou seu contrôle sôbre os grandes recursos alimentícios para deter as renascentes democracias da Europa central e oriental, e tornará a fazê-lo desta vez, se o puder. Hoover dirigiu sua arma alimentícia principalmente contra o jovem govêrno soviético. No seu livro vital e revelador, "A Grande Conspiração", Michael Sayers e Alberto E. Kahn, citam vários exemplos de como Hoover se serviu dos alimentos para seus propósitos contra-revolucionários. Dizem êles (pags. 93-94): "Herbert Hoover pôs milhões de dólares dos recursos a Administração de Ajuda Americana à isposição do exército polonês (que nessa época lutava contra os soviéticos, W. Z. F.). Em 4 de janeiro de 1921, o senador James Reed, de Missouri, revelou no Senado que 40 milhões de dólares dos fundos de ajuda do Congresso "haviam sido enviados a fim de manter o exército polonês no campo de batalha".

"Grande parte do dinheiro dos Estados Unidos que se dizia ser destinado a socorrer os europeus, foi empregado para apoiar a intervenção contra os soviéticos. O próprio Hoover disse bem claramente em seu relatório ao Congresso, em janeiro de 1921. O Congresso, a princípio, teve que se apropriar de fundos para ajudar em primeiro lugar a "Europa Central, mas o relatório de Hoover demonstrou que a quase totalidade dos $94.938.417 foi gasta em territórios adjacentes à Rússia ou nas áreas da Rússia que estavam sob o contrôle dos russos brancos e dos intervencionistas aliados."

Hoover é um terrível reacionário. E' anticomunista, odeia os soviéticos e é inimigo de tudo quanto seja progressista ou democrático, tanto aqui como no estrangeiro. A extensão de sua reação semi-fascista pode ser medida pelo fato de que denunciou vários vezes o liberal presidente Roosevelt como simpatizante do comunismo, e as indulgentes reformas do New Deal como bolchevistas.

Não são necessários grandes conhecimentos para compreender o ódio e o temor amargos que tem Hoover das novas democracias que se estão desenvolvendo atualmente em várias partes da Europa, que está muito longe da esquerda do antigo regime de Roosevelt, e para compreender que êle tratará de destruí-las e de lhes negar o alimento americano, dando-o a seus inimigos. Ainda que Hoover, sentindo a profunda desconfiança que inspira ao povo americano, lhe assegure de que não é seu propósito distribuir o trabalho de ajuda, seríamos tôlos se não compreendêssemos que um homem num pôsto dessa natureza estará capacitado para influir na distribuição do auxílio.

Essa situação de Hoover é de tal natureza que deveria ser fiscalizada pela classe operária organizada e pelas demais fôrças democráticas de nosso país. Ao mesmo tempo em que fizerem todo o possível para facilitar a arrecadação e o embarque dos alimentos para a Europa e a Ásia, deverão também estar alertas a fim de se certificarem de que êsses socorros não sejam aplicados de maneira a fortalecerem a reação fascista, pelo senhor Hoover ou por qualquer pessoa sob sua influência. Se a classe operária organizada e as organizações de ajuda estivessem suficientemente instruídas sôbre a importância vital do trabalho de ajuda americano, tanto no sentido humanitário como no político, insistiríamos para que Hoover fôsse imediatamente dispensado dêsse trabalho e para que o mesmo fosse entregue a homens e mulheres dos quais se pudesse esperar que não fizessem o jôgo da reação nas regiões ameaçadas pela fome.

O PCB E A LEGALIDADE

Carlos MARIGHELLA

Há cêrca de um ano conquistava nosso Partido pela primeira vez em nossa terra a legalidade. O que representou o comício de São Januário está à vista de todos e nos dispensamos de maiores comentários. Entretanto, nosso Partido não atingiu à legalidade sem que se tivesse dedicado durante anos e anos ao *trabalho ou atividade ilegal*. Não se poderia esperar que o partido do proletariado chegasse a conseguir um lugar ao lado dos demais partidos que sempre gozaram de liberdade (em maior ou menor grau), sem uma luta tenaz para se transformar em *partido legal*. Fizemos, portanto, um grande esfôrço para nos tornarmos *partido legal*. E o conseguimos, não porque tivéssemos agido de forma oportunista, mas precisamente porque soubemos ligar todas as formas de trabalho ilegal às formas legais de luta.

Não obtivemos a legalidade de nosso Partido espontaneamente e não poderemos assegurá-la sem uma luta persistente para tal. Mas a nossa legalidade só foi possível, por por um lado, pela capacidade de nosso Partido manter-se de pé mesmo contra tôdas as tentativas em contrário da reação e contra o *liquidacionismo*, e por outro lado, por uma justa interpretação das condições em que nos encontramos.

Apoiada firmemente no marxismo, pôde a direção de nosso Partido trazê-lo da ilegalidade e impulsioná-lo dentro dela, reforçando as ligações com a classe operária e com as vastas massas.

O que representou a legalidade do partido do proletariado para a democracia em nossa terra, só os últimos meses podem dizê-lo.

Avançamos em muitos sentidos, demos grandes passos para a frente, desde a conquista da Anistia até a convocação da Assembléia Constituinte e o seu funcionamento.

E se o monopólio da terra ainda não foi quebrado — o que constitui na verdade o passo fundamental para a nossa democracia — pelo menos estão criadas as condições para a completa liquidação dos restos do feudalismo.

O importante é que agora o Partido Comunista do Brasil é um partido legal e luta por alcançar, por via pacífica, a maioria.

Já existem instituições representativas e não é tão fácil enganar a classe operária.

Recordemos Lenine, que nos ensina: "Quando não há instituições representativas, há *ainda muito mais* logro, mentira política e tôda a a sorte de trapaças e o povo conta com muito menos meios de desmascarar o logro e chegar à verdade".

O nosso Partido, em tudo isso, representa o papel mais decisivo para assegurar a marcha para a democracia. Ninguém melhor do que êle se bate pela soberania das instituições representativas e pelo sufrágio universal, porque, como diz Engels, o sufrágio universal é "o termômetro para medir o amadurecimento da classe operária". Dentro da legalidade, com o Partido Comunista à frente, o proletariado e o povo se educam, aprendem "na prática" a distinguir entre os seus representantes e os do capitalistas.

A justa linha política do Partido é o aprofundamento de suas ligações com as massas completam o resto, os dos capitalistas.

Apavorados com a marcha da democracia, os remanescentes do fascismo, os reacionários, o capital estrangeiro colonizador e seus agentes voltam-se contra a vanguarda da classe operária e pretendem abolir a legalidade do nosso Partido.

As últimas medidas do govêrno restringindo as liberdades, o decreto proibindo as greves, as tentativas de impedir as manifestações de 1º de maio, o medo do govêrno de encarar a grave crise econômica, são fatos significativos do retrocesso na marcha da democracia.

Nada, porém, poderá deter nossa marcha para diante. A legalidade de nosso Partido não se defende apenasmente com as fôrças da vanguarda do proletariado. Antes de mais nada, a defesa da legalidade está nas próprias massas, que são as mais interessadas em impedir que se comece por suprimir o Partido Comunista — primeiro passo para esfomear ainda mais a classe operária e o povo e liquidar a própria democracia.

A luta pela legalidade do Partido do proletariado está intimamente ligada ao futuro de nossa Pátria e da democracia em nossa terra. Eis porque se move — conforme acentúa a nota da Comissão

(Conclui na 6.ª pág.)

ESCRAVOCRATAS DE ONTEM E DE HOJE

Astrojildo PEREIRA

A luta pela libertação dos escravos que o dia 13 de maio faz recordar, durou dezenas de anos e foi uma luta muito difícil, cuja história ainda está para ser contada. Como acontece em tôdas as lutas sociais, — e o proceso de desenvolvimento destas lutas é que constitue propriamente a história, — ela não se desenvolveu em linha reta, mas, pelo contrário, em linha acidentada, cheia de tropeços e obstáculos.

Do ponto de vista legislativo, a batalha abolicionista teve quatro momentos culminantes: 1850, 1871, 1884 e 1888. Quatro momentos que marcaram três vitórias e uma derrota, mas, nos quatro casos, igualmente movimentados e dramáticos. E em todos êles podemos encontrar numerosos episódios e muitos aspectos instrutivos — por exemplo: a tremenda campanha de injurias e calúnias movida pelos senhores de escravos e seus agentes contra os abolicionistas. Permitam-me citar alguns documentos a êste respeito.

Sabe-se que a lei de 1871, chamada do ventre livre, porque declarava livres os filhos de escravos que nascessem a partir de 28 de setembro daquele ano, foi apresentada ao Parlamento de então pelo Visconde do Rio Branco, chefe do govêrno e chefe do partido conservador. Pois os escracocratas disseram o diabo dele e de quantos defendiam o seu projéto de lei, dentro e fora do Parlamento.

O deputado Pereira da Silva exclamava: "Vossa proposta é fatalíssima, é o filho talvez do grande incêndio. Prevejo calamidades inauditas, crises medonhas, se a proposta for convertida em lei". E o deputado Perdigão Malheiro: "A solução da proposta do govêrno, com êsse complexo de medidas absolutas, tende infalivelmente a desorganizar tudo, a precipitar com os mais graves e perigosos inconvenientes, a solução, anarquizar o país, e levá-lo ao abismo, a pretexto de emancipação dos escravos, em gravíssimo dano dos próprios escravos atuais, e da infeliz geração futura, que será de fato escrava!" Não menos apavorado se mostrava o Marquês de Olinda: "E' minha convicção profunda que, qualquer que seja o sistema que se adote, de emancipação gradual e sucessiva, as insurreições hão de surgir a cada canto do Império". O Marquês queria a escravidão eterna. Também o deputado Gama Cerqueira punha os olhos na eternidade quando ameaçava os autores da lei com "a execração dos conterrâneos e o suplício eterno". Deste mesmo senhor Cerqueira são as seguintes palavras: "Desde que se chamar o escravo ao gôzo do direito de propriedade, do direito de família com as suas consequências em relação à sucessão: desde que se lhe conferir o perigosíssimo direito à libertação, não poderão mais ser limitadas as consequências e aplicação que naturalmente decorrem dêsses princípios".

Mas havia outro deputado mais terrível e mais veemente na oposição ao projéto Rio Branco: José de Alencar, o romancista que tem feito chorar gerações de mocinhas sentimentais. Eis o que êle dizia: "Esa proposta, que aí está sôbre a mesa, não é mais do que um pretexto, para provocar a revolução... Êsse papel, senhores, contêm uma ousada provocação, um cartel de desafio, lançado à opinião, na esperança de que ela aceite o repto, não para combatê-la aqui, na imprensa e na tribuna, com as armas da razão, mas para atacá-la com a baloneta, o fuzil, o sabre e o canhão, que são as quatro sílabas do despotismo". A proposta Rio Branco, acrescentava José de Alencar, "é mais uma prova de que se pretende provocar a desordem, para decretar, por por um ato de ditadura, a extinção da escravidão, embora sôbre a ruína da propriedade, sôbre a miséria pública, sôbre o descalabro da sociedade".

O romancista-deputado parecia delirar, conforme se pode ver na continuação do seu discurso: "Esta idéia do ventre livre é sinistra... Eu acrescentarei que essa idéia da libertação do ventre desorganiza o trabalho escravo... Não é de certo por êsses meios, subvertendo os dogmas sociais, aniquilando a família, degradando a espécie humana ao nível do brutot, destruindo, os mais nobres estímulos do coração, e substituindo-os por paixões rancorosas; não é dêste modo que os pretensos apóstolos da liberdade e da civilização hão de consumar a sua obra".

E como os jornais da época publicavam terríficas histórias da Comuna de Paris, houve um deputado que chegou a acusar Rio Branco de desfraldar as velas "por um oceano onde voga também o navio pirata, denominado "A Internacional".

Isto em 1871. Mas a lei do ventre livre passou e não aconteceu nenhuma daquelas pavorosas profecias formu-

(Conclui na 7.ª pág.)

O FRACASSO DOS PLANOS DE KING E SEUS AMIGOS

(Conclusão da 4.ª página)

êsse acontecimento um caráter sensacional e trágico. A declaração do govêrno soviético em vista da declaração do senhor King revela com tôda a clareza o verdadeiro sentido político da campanha anti-soviética lançada no Canadá por iniciativa e instigação diréta do govêrno canadense, e desmascara a realidade da "sensação" inventada por êle. A análise das circunstâncias dessa campanha hostil à União Soviética confirma plenamente a dedução apresentada na declaraçao do govêrno soviético em face a intervenção do primeiro ministro canadense, que serviu de sinal para essa campanha anti-soviética, estava sincronizada com a terminação da sessão da assembléia geral das Nações Unidas e foi "uma espécie de resposta aos desgostos provocados nos amigos do senhor King pelos delegados soviéticos na sessão da assembléia".

A AJUDA A BEVIN

O comentarista de rádio inglês, Patrick Lacy, fingindo um grande espanto, tenta afirmar que "não se pode sensatamente estabelecer uma vinculação completa entre o trabalho do Conselho de Segurança em Londres e o começo da campanha anti-soviética no Canadá". Mas êsse fato é evidente e na declaração do govêrno soviético esta demonstrado com tôda a clareza que o sentido de tôda a campanha lançada pelo senhor King e seus amigos consiste em distrair a atenção da opinião pública dos países democráticos da situação escandalosa em que se colocou o senhor Bevin, vindo assim em seu auxílio. Porque, o que poderia explicar então o fato de que até agora o govêrno canadense silenciasse sôbre essa revelação de "informações secretas e confidenciais" e reservasse essa sensação relacionada com a União Soviética, senão que estava esperando um momento oportuno para tirar maior proveito, na opinião do govêrno canadense, de circunstâncias que de há muito lhe eram conhecidas assim como de seus amigos e que não lhe haviam até então causado o menor alarme?

CONTRADIÇÕES COM OS PRINCÍPIOS DEMOCRÁTICOS

No Conselho de Segurança, diante do mundo inteiro, foram discutidas questões de grande importância como a situação criada na Grécia devido à presença de fôrças britânicas, como os acontecimentos sangrentos da Indonésia e o emprêgo de tropas britânicas e japonêsas contra os indonésios, como a exigência dos govêrnos da Síria e do Líbano para que sejam retiradas de seu território as tropas britânicas e francêsas.

Uma parte da imprensa estrangeira e também da canadense, descreveu a discussão dessas questões como um conflito "entre a democrácia e a ditadura" por haverem sido trazidos à baila êsses assuntos. Entretanto, a discussão pública de tôdas essas questões "trazidas à baila" demonstrou que a posição tomada pelo senhor Bevin esteve invariavelmente em franca contradição com os princípios democráticos e com os que dizem respeito à independência e aos direitos dos pequenos países

O ESPECTRO DE LORD KURZON

Pode-se imaginar como foram acolhidas entre os círculos sociais inglêses as intervenções do senhor Bevin, pelos debates sôbre a política externa inglêsa que tiveram lugar na Câmara dos Comuns nos dias 20 e 21 de fevereiro. O trabalhista Hughes, por exemplo, declarou sem rodeios que "em algumas intervenções Bevin falára como o espectro de lord Kurzon". No mesmo teôr, expressaram-se também alguns jornais inglêses, como o semanário "Spectator", que declarou que Bevin, êle próprio, deve estar algo alarmado pelo fato de que, em consequência disso (quer dizer, de sua intervenção na assembléia) destacou-se como o herói da reação no mundo inteiro, e sobretudo, na América, onde os jornais republicanos propuseram a Truman que trocasse Byrnes por Bevin, dando mais à Inglaterra tantos "destroyers" velhos quantos desejassemos para completar a troca".

CONSEQUÊNCIA DEMOCRÁTICA DA DELEGAÇÃO SOVIÉTICA

A defesa consequente pela delegação soviética dos princípios da democracia e da independência dos pequenos países e as moções apresentadas pela delegação soviética de acôrdo com êsses princípios, provocaram, invariavelmente, forte oposição por parte do senhor Bevin. Essa posição do senhor Bevin e de seus colegas na assembléia, não conseguiu senão provocar uma atitude negativa por parte de amplos círculos democráticos de diversos países. Era necessário auxiliar o senhor Bevin. E a intervenção do senhor King teve o objetivo de provocar uma espécie de descarga, de trator de dissipar as nuvens acumuladas, de distrair a atenção dos fracassos e dos revezes da sorte do senhor Bevin na assembléia, de atenuar a sensação desagradável criada pelas intervenções do senhor Bevin. Essa tarefa foi assumida pelo senhor King, que não teve escrúpulos em inventar meios para cumprir êsse plano anti-soviético, cujas finalidades principais foram distrair a atenção pública dos fracassos e revezes do govêrno britânico na assembléia das Nações Unidas e, ao mesmo tempo, tratar de diminuir o prestígio internacional da União Soviética.

ARTIMANHAS REACIONÁRIAS

O primeiro ministro canadense lançou uma campanha desenfreada contra a União Soviética, sem se lembrar que essa conduta está em contradição com às relações normais entre os dois Estados e com os interêsses do próprio Canadá. King e seus amigos esqueceram os ensinamentos da história que deu tantos exemplos de como fracassaram vergonhosamente tôdas as espécies de aventuras anti-soviéticas, apesar de todos os esforços e artimanhas dos reacionários inveterados que encabeçaram tais campanhas hostis à União Soviética. O mesmo fracasso vergonhoso espera o senhor King e seus amigos.

A MULHER DEVE LUTAR POR SUAS PROPRIAS REIVINDICAÇÕES

Por BEATRIZ RAFFO

Num constante afã de superação, a mulher, há muito tempo, estuda e aumenta seus conhecimentos. Na maioria dos casos ela está em ótimas condições para desempenhar os cargos que ocupa. Escolas, fábricas, oficinas, escritórios comerciais, repartições públicas, institutos científicos, em uma palavra, tôdas as manifestações de trabalho fecundo e diciplinado, conhecer a atividade que a mulher é capaz de desenvolver. As exigências da vida moderna e uma cultura mais ampla subtraíram-na ao retiro do lar, sem que por isso deixe de ser, ou haja renunciado voluntariamente a ser, o esteio insubstituível da vida caseira.

Mas a mulher que trabalha defronta-se com uma injustiça irritante. Apesar dos conhecimentos que lhe são exigidos e da eficácia com que desempenha suas funções, está ainda em inferioridade de condições. Sua remuneração é sempre inferior à dos homens que executam trabalhos idênticos. Nas fábricas, nas oficinas e nos escritórios comerciais, perdura ainda o critério de que a mulher é mão de obra fácil e barata que pode ser impunemente explorada.

Qual a perspectiva que se oferece à mulher que, em nosso país, haja adquirido uma aptidão profissional ou orientado seus conhecimentos para uma determinada atividade? Percorra-se a lista de oferecimentos de emprêgo e se verá como são miseráveis os salários que se concedem à datilógrafa experiente, às empregadas do comércio, às vendedoras dos grandes estabelecimentos e à imensa maioria das operárias especializadas de uma fábrica. Esses salários são, invariavelmente, inferiores à qualidade do trabalho que executam. Não são nem sequer equiparados aos dos homens que desempenham tarefas idênticas.

Velhos preconceitos, embora desvirtuados pela realidade, ainda servem de pretexto para manter a mulher num plano de inferioridade e submetê-la a uma ignominiosa exploração.

Semelhante situação não somente afeta moralmente a mulher que se sente diminuída ante a mesquinha e humilhante avaliação de sua capacidade e de seu trabalho, como, do ponto de vista material, não resolve o problema econômico que a obriga a procurar trabalho fora.

Para êsse problema, que cada dia se apresenta à mulher, qual a solução? Só existe uma, urgente e imediata. As mulheres que trabalham devem iniciar a luta, de maneira franca e decidida, por suas reivindicações.

Precisamos admitir que até hoje nossos problemas como mulheres do trabalho nunca foram abordados. E é evidente, entretanto, que em cada local onde trabalhamos existem problemas internos que devem ser resolvidos. Mas a solução não será encontrada de maneira unilateral e isolada. Somente organizadas e unidas, as mulheres que trabalham chegarão a ser uma fôrça capaz de fazer valer suas justas reclamações. Assim, é unicamente assim, poderemos tornar efetivas as reivindicações às quais hoje aspiramos.

Devemos, portanto, lutar pela igualdade de salários e remunerações de homens e mulheres que executam trabalhos iguais.

Para as vendedoras das casas comerciais que permanecem de pé a totalidade das horas de sua jornada de trabalho, devemos exigir o cumprimento da lei. Para tôdas, é imperioso reclamar o cumprimento estrito e a ampliação das leis sociais existentes, principalmente a lei sôbre a maternidade.

Sabemos também, devido ao elevado nível do custo de vida, o que representa o problema da alimentação. Lutemos, portanto, pelo estabelecimento de restaurantes econômicos que resolvam, pelo menos em parte, o crescente custo de vida e as dificuldades de transporte nas horas reservadas para o almôço.

Higiene e confôrto são fatores indispensáveis à vida moderna. Exijamos que essas condições imperem em todos os locais de trabalho.

Muito há que fazer. Não será tarefa para um dia. Mas a mulher que trabalha deve dispor-se a empreendê-la com decisão e persistência de esfôrço. Já há uma compreensão clara do que vale e significa esta luta. Falta, porém, a ação. E a ela só chegaremos quando a soma de esforços abranja tôdas as aspirações e as mulheres que trabalham, solidariamente unidas, irmanadas num mesmo objetivo, saibam fazer escutar sua voz e seus anseios de redenção e de justiça.

O LEITOR escreve

LUTA E EXPERIÊNCIA DA CÉLULA NOEL ROSA

Embora já possamos olhar para trás com uma certa satisfação contemplando o que fizemos em quase um ano de suor e de lágrimas, de satisfação e indignação, é preciso que examinemos com frieza o muito que ainda não pudemos realizar, para que, conscientes das debilidades da nossa Célula, encontremos os meios de enfrentar os problemas que estão diante de nós.

Foi um rico período de experiência. Pudemos ver o quanto se pode tornar perniciosa a influência do trabalho prático em excesso no trabalho orgânico da Célula e o consequente sectarismo e grupismo que resulta de um baixo nível teórico dos homens que a compõem.

Observamos como a má escolha dos homens para a execução de determinadas tarefas pode criar embaraços à sua própria infiltração do inimigo em nosso meio.

Vimos o valor salutar da crítica e da auto-crítica na formação de comunistas conscientes e a possibilidade da formação de quadros dirigentes de legítimos operários esclarecidos, quando em obediência à estrita linha do Partido.

Os nossos pequenos fracassos serviram para abrir mais os nossos olhos e vigiarmos a unidade do Partido contra, de um lado os resíduos trazidos pelos pequeno-burgueses, de outro, os resíduos trazidos pelos trabalhadores ainda embrutecidos pelos anos de Ditadura.

Já começamos a sentir que estamos passando da fase de organização para a de vida plena de realização. Sentimos a necessidade de fazer alguma coisa. Nossa Célula tem vida própria e isso verificamos pelo melhor conhecimento dos homens que a compõem.

Um atestado disso é a atividade que se desenrola atualmente em que o trabalho junto à massa já exige uma aproximação constante entre os comunistas e as diversas instituições do bairro.

Sentimos a necessidade de instalação e de uma cooperação mais intima com as outras células do bairro, mas, sobretudo, de instalação com que se possa atender a um expediente que exige horas de trabalho no exame das questões que aparecem. Sentimos a necessidade de uma divulgação mais ampla, do constante manuseio de material doutrinário, do intercâmbio constante de idéias.

E' digno de elogio, no nosso progresso, o vermos que as bocas já se abrem para discutir, o verificarmos um aumento gradual de confiança nas diretrizes da nossa linha politica.

A Célula Noel Rosa, que tem sido um elemento ponderável na democratização de Vila Isabel goza de elevado prestigio no seio da massa operária e mesmo de uma boa porção da confiança da classe média e dos comerciantes progressistas do bairro.

E, portanto, da maior importância a campanha que encetamos, para resolvermos os problemas que temos à nossa frente instalação, mobilização dos simpatizantes extraviados do bairro contacto mais direto com a massa e cooperação mais decisiva nos organismos populares de Vila Isabel a que já tivemos acesso.

Orlando Portella, (Da Célula Noel Rosa — C. D. Norte).

A Célula Cachambi Homenageia a Memória De Odilon Machado

As homenagens prestadas pelos camaradas da Célula Cachambi, representaram um grande êxito no nosso trabalho de massa, isto porque souberam interpretar o sentimento dos moradores locais. Para os moradores de Cachambi, o camarada Odilon Machado foi o médico amigo que sempre esteve presente nas horas de maior sofrimento do seu povo. Por isso, quando a Célula Cachambi, do PCB, convidou o povo para homenagear o 7°. aniversário da morte do grande patriota e militante comunista Odilon Machado, imediatamente foi atendida com respeito e admiração.

As Células "Cachambi" e "Odilon Machado", na manhã do dia 9, de abril depositaram na sepultura do camarada Odilon Machado, no cemitério de Inhaúma, duas corôas de flores em nome do Partido Comunista. Foi levantada nessa solenidade, pela Célula Cachambi, a idéia de construir-se um mausoléo no tumulo do dr. Odilon, fazendo-se em seguida uma subscrição entre os presentes, que rendeu 625 cruzeiros.

A' noite, na Pracinha de Cachambi, que já é conhecida por todos os moradores como Praça Odilon Machado, foram encerradas as homenagens, com uma manifestação pública promovida pelas Células Cachambi, Odilon Machado e Guararapes. Falaram durante a mesma, além de outros camaradas, o deputado e médico comunista Alcedo Coutinho e uma jovem de 10 anos de idade. Fez-se então outra lista de contribuições para o mencionado mausoléo, arrecadando-se mais a quantia de 354 cruzeiros.

Com o êxito desta homenagem, a Célula Cachambi, do PCB, encontra-se com amplas possibilidades de realizar um bom trabalho de união dos moradores locais para lutar pelas reivindicações mais sentidas e reforçar a Unidade Nacional em defesa da soberania de nossa Pátria, pela devolução imediata de nossas bases militares ocupadas por tropas estrangeiras e contra os fomentadores de guerras de conquista.

O TEATRO A SERVIÇO DO POVO

Magnífica Iniciativa Dos Camaradas De Sta. Maria

Ao camarada Prestes foi enviado o seguinte telegrama de Santa Maria, Rio Grande do Sul:

"Comunicamos ao camarada que estreamos em praça pública, na homenagem à data do trabalhador, um teatro popular, encenando a sessão da Assembléia Constituinte onde o senador do povo desmascarou a reação, definindo a posição do nosso glorioso partido em face das guerras imperialistas. Grande massa acorreu ao local onde se erguia o palco representando o interior do nosso parlamento. O público acompanhou com vivo interêsse o desenrolar da sessão histórica, num arranjo teatral em dois quadros. Os aplausos do povo no desenvolver dos debates consolidaram a iniciativa da fundação do teatro popular, assinalando mais uma vitória do nosso partido. Saudações comunistas. (a) LACI OSORIO, secretário de Divulgação".

Imprescindíveis Os Planos De Trabalho Para Todos Os Organismos Do Partido

O Comitê Metropolitano e o C. E. de São Paulo já possuem planos para suas próximas tarefas — Contribuições das células — Objetivos imediatos

No Pleno de Agosto de 1945, do Comitê Nacional, o camarada Arruda, no seu informe de organização (1) referindo-se aos novos métodos do trabalho orgânico, dizia:

"Trata-se de planificar todo o nosso trabalho. Realmente, um dos grandes métodos de trabalho para o nosso Partido será o de todos os organismos trabalharem de acôrdo com um plano estudado, meditado e elaborado de antemão, onde todos tenham as suas tarefas para executar, por menores que sejam. Por outro lado, isto possibilita o estabelecimento, de cima para baixo e de baixo para cima, de uma permanente vigilância e controle que permitam dia a dia estabelecer a marcha de seu cumprimento, descobrindo assim a tempo as incompreensões, as falhas, e as debilidades, para corrigi-las e desta maneira manter um ritimo acelerado e constante na aplicação prática das tarefas traçadas".

Infelizmente, ainda não há uma compreensão perfeita da importância dos planos pelos organismos do Partido. A melhor prova disso é que os próprios organismos superiores do Partido ainda não possuem o seu plano de trabalhos ou quando os elaboram não os realizam.

Essa delibidade denuncia outras debilidades, como por exemplo, o desconhecimento do que seja um plano, de como se elabora êsse plano e de como êle pode ser levado à execução.

Os poucos planos que têm surgido em alguns organismos do Partido, até agora, têm sido simples trabalho de cúpula, sem qualquer consulta às bases, impossibilitando a compreensão destas do que seja um plano e de como realizá-lo, principalmente porque um plano assim concebido não corresponde nunca à realidade e não pode portanto ser executado. Aí estão como exemplo de planos inviáveis os de recrutamento, elaborados em 1945 pelo Comitê Metropolitano e pelo CE de Bahia. O Partido cresceu constantemente, de então para cá, tanto no Distrito Federal como na Bahia, mas não como resultado dos planos.

CONTRIBUIÇÃO DAS BASES

E' na análise dessas debilidades que o Comitê Metropolitano acaba de elaborar um plano, utilizando o auxilio de todos os organismos partidários do Distrito Federal, tanto os Comitês como as células de emprêsas ou de bairro. Nenhum organismo de base deixou de contribuir para o plano de trabalho do Metropolitano, traçando seus próprios planos que vieram formar o plano geral do CM.

Nenhum plano poderá surtir efeito quando elaborado de cúpula. Sem o conhecimento exato das possibilidades dos organismos do Partido.

Daí a necessidade de sentir tôdas as necessidades do Partido nas bases para poder traçar-se um plano que tenha possibilidades de execução.

Por isso, as informações prestadas ao organismo superior precisam ser examinadas cuidadosamente, analisando-se as possibilidades concretas para a execução das sugestões apresentadas.

NOVA SEDE PARA O METROPOLITANO

O atual plano do Comitê Metropolitano, embora ainda em estudos e não totalmente aprovado, já começa a ser executado.

O problema da séde para o C. M., que consta do plano, acaba de ser resolvido. Na séde da Rua Conde de Lage os trabalhos do Comitê eram grandemente prejudicados pelas constantes reuniões de organismos de base, inclusive Distritais e grandes células de emprêsas que ainda não possuem sédes próprias.

Dentro em pouco, na nova séde, o Metropolitano poderá manter em funcionamento normal suas secretarias técnicas, cujos trabalhos poderão desenvolver-se em ritimo mais acelerado e eficiente.

O PLANO DO C. M.

O Comitê Metropolitano tem objetivos concretos para realização imediata, como sejam:

a) organização das secretarias com o aproveitamento dos camaradas recem-saídos do curso e de outros a serem mobilizados.

b) Reestruturação dos Distritais à base da Circular de Organização n.° 1 e recomposição de outros.

c) imediato conhecimento do número de células e de membros do Partido no Distrito Federal.

d) Concentrar esforços no sentido de ser prestado maior auxilio aos Distritais do Norte, Sul, Portuários e Cidade Nova, os que representam maior importância sob o ponto de vista de concentração operária.

e) inauguração da nova sede do Metropolitano.

f) colocar todos os estudantes (excetuando motivo de fôrças maior para cada caso individualmente) no trabalho de levantamento da Associação Metropolitana de Estudantes Secundários, e os universitários no movimento dos Diretórios da UNE e da U. M. E., fazendo do próximo Congresso o eixo de todos os trabalhos.

g) Ajuda ao jornal da juventude, colocando companheiros responsáveis em suas células para auxiliar o jornal. Facilitar os trabalhos de composição e impressão. Ajudar a criar sucursais do jornal em todos os pontos de concentração de jovens, desenvolvendo nessas concentrações o trabalho de assinaturas, contribuintes, etc..

h) planificação de todos os trabalhos de massa.

i) Fazer um levantamento de tôdas as mulheres do Partido, sindicatos e comitês populares.

j) Organização da secretaria de divulgação do Metropolitano.

k) criação de encarregados e correspondentes da CLASSE OPERARIA e da "Tribuna Popular".

EM S. PAULO

Os companheiros do CE de S. Paulo também acabam de fazer seu plano de trabalho. Eis seus principais objetivos imediatos. (E' importante num plano fixar as datas para a realização dos objetivos).

a) O "Hoje" deve tirar uma separata do discurso do camarada Prestes de 50.000 exemplares.

b) O "Hoje" deve prosseguir e ampliar as enquetes em torno do discurso, inclusive no interior.

c) Tirar 10.000 volantes com o slogan: "Para acabar com as filas de......, com a miséria e a fome, leia o discurso do camarada Prestes pronunciado em 23 de abril em São Paulo".

d) Enviar pela Secretaria de Divulgação cópias mimeografadas de todos os discursos do camarada Prestes a todos os jornais.

e) Campanha de assinatura de A CLASSE OPERARIA e da "Tribuna".

f) Campanha de organização nos bairros de "Comitês de donas de casa contra as filas".

g) Campanha de organização de "Comissões contra a carestia e a inflação, comissões contra a miséria e a fome, comissões por leite, carne e pão".

h) Distribuir volantes nas filas sôbre assuntos relacionados com a carestia, a inflação, etc..

i) Abaixo assinados pelo aumento de 100 a 200% no salário mínimo.

j) Campanha de massas durante a "semana Luiz Carlos Prestes".

Campanha de finanças através da regularização das contribuições dos militantes e organismos, de circulos e amigos, de festas, piqueniques e bailes, etc..

UNIDADE IMPRESCINDIVEL

(Conclusão da 4.ª pág.)

fensor da democracia no país, porque sabe que sem a vitória da democracia teremos a regressão anti-democrática, teremos uma ditadura sanguinária que os tempos não comportam e que o nosso povo, suficientemente esclarecido e combativo, esmagará com suas próprias mãos.

Da unidade de ação das fôrças democráticas, portanto, dependem as soluções pacíficas, ainda possíveis neste momento.

A QUINZENA DA LEGALIDADE

(Conclusão da 1.ª pág.)

ção do povo cresce que a União Nacional marcha para sua concretização e que a classe operária e todo o povo ganham consciências de suas imensas responsabilidades na solução dos graves problemas políticos e econômicos do país.

E' com júbilo que os trabalhadores e as massas populares comemoram essa quinzena da legalidade do Partido Comunista, porque sentem ser o Partido Comunista o único Partido nacional que denuncia a reação e luta pela democracia; que combate a crise e apresenta medidas concretas para a sua solução; que prepara o terreno para a paz e a democracia, lutando ardorosamente contra os provocadores de guerra e apontando-os ao povo como traidores a serviço dos imperialistas.

Por êstes motivos, o Partido enfrenta as ondas da reação, enfrenta as calúnias da imprensa vendida e cresce e se fortalece com a confiança cada vez maior e mais firme das massas trabalhadores e do povo.

COMEMORAÇÕES DURANTE A QUINZENA

Em todo o país estão se realizando festejos populares em comemoração à Quinzena da Legalidade, iniciada a 8 do corrente, quando se commorou o primeiro aniversário da Vitória sôbre o nazi-fascismo.

Ontem, 10 homenagens foram prestadas à memória do bravo lutador que foi Siqueira Campos, realizando-se palestras sôbre a vida do herói brasileiro morto em 1930.

Hoje, honra-se a memória dessa mulher extraordinária, que foi D. Leocádia Prestes, mãe do lider comunista Luiz Carlos Prestes, e cuja vida foi dedicada, nos seus últimos anos à libertação do querido dirigente do proletariado brasileiro das garras da reação e dos fascistas.

12 e 13 de maio são datas consagradas ao 55.° aniversário da abolição da escravidão negra no Brasil, realizando-se palestras, conferências sôbre os negros dos Palmares e os grandes lutadores pela emancipação que foram Lima Barreto, André Rebouças e Castro Alves.

O dia 16 de maio marca o 21.° aniversário da instalação do II Congresso do Partido Comunista do Brasil, devendo realizarem-se palestras nos organismos partidários e em organismos de massa sôbre o papel do Partido na luta pela democracia e contra o imperialismo, bem como palestras sôbre o que foi o II Congresso e sua importância para a vida do Partido nos anos seguintes. Em São Paulo, devem fazer conferências os dirigentes comunistas camaradas Arruda e Pomar. Em Minas, os camaradas Amazonas e Hill. No Estado do Rio, o camarada Grabois. No Distrito Federal, os camaradas Prestes, Agostinho, Francisco Gomes, Carvalho Braga e Astrojildo Pereira.

Nesse dia cada organismo do Partido deve instalar sua biblioteca própria, com edições da Vitória e da Horizonte.

A 22 de maio comemora-se o primeiro aniversário do diário das massas, TRIBUNA POPULAR, devendo realizarem-se palestras sôbre o que é um jornal de massas para todo o país, com a distribuição de trechos do capitulo do livro de Lenin, "Que Fazer?", onde é mostrada a importância de um jornal de massas. (Plano para um periódico politico destinado à tôda a Rússia — E. Vitória). Nesse dia, cada Célula deve escolher um responsável pela venda dos órgãos do Partido.

A 23, celebra-se o primeiro aniversário do histórico discurso do Camarada Prestes, no Vasco da Gama, devendo realizar-se um grande comício do Partido, encerrando-se a Quinzena da Legalidade. O "slogan" popular da Quinzena da Legalidade é a seguinte frase do camarada Prestes: "O PRIMEIRO PASSO PARA PREPARAR A GUERRA É LIQUIDAR A DEMOCRACIA".

A Quinzena refletirá também a onda crescente de protestos populares junto ao govêrno contra as violências anti-democráticas dos elementos reacionários principalmente, contra o fechamento de uma das mais poderosas unidades proletárias, a UNIÃO GERAL DOS SINDICATOS DOS TRABALHADORES DE SANTOS.

O Despertar Da India

(Conclusão da 8.ª pág.)

tram assim sua mais aguda expressão nas condições da India. Os problemas das relações e coexistência das diversas raças e religiões; a batalha contra as velhas superstições e formas sociais e tradições antiquadas a luta pela instrução, a luta pela emancipação da mulher, o problema da reorganização da agricultura e o desenvolvimento da indústria e das relações do campo e da cidade, as questões da luta de classes nas formas mais variadas e agudas, os problemas de relação de nacionalismo e socialismo, todos êstes variados temas do mundo contemporâneo estão transbordando com especial agudeza e urgência na India. O povo indú já desempenhou um grande papel na história do mundo, não como conquistador, mas na esfera da cultura, do pensamento das artes e das indústrias. Hoje necessita participar ativamente dos negócios internacionais e avançar, como povo livre, para a solução de seus próprios problemas. A libertação nacional e social do povo indú dará à humanidade uma nova e grande riqueza.

RESPOSTA à sua pergunta

A camarada M. Carvalho pede-nos a indicação de alguns livros que facilitem a "interpretação e consequente assimilação" do marxismo.

R — Recomendamos as seguintes obras:

Manifesto Comunista, de Marx e Engels; Do socialismo utópico ao socialismo cientifico, de Engels; História do Partido Comunista (b) da URSS.

Sôbre materialismo histórico: Origem da Familia, da Propriedade Privada e do Estado, de Engels; História do Feudalismo, de Gucovsk e Trachtenberg (a ser lançado êste mês, pela Vitória); História da Epoca do capitalismo industrial de A. Efimov e N. Freiberg.

Economia: Economia Politica, de Segal.

★

P — O camarada W. M. R. deseja saber como surgiu a propriedade privada e a divisão do trabalho, e se esta [illegible] o tende a desaparecer.

R — A divisão do trabalho é fruto do desenvolvimento das formas sociais de produção. Historicamente, podemos dividir as formas sociais de produção em cinco tipos fundamentais: o comunismo primitivo, a escravidão, o feudalismo, o capitalismo e o socialismo.

O comunismo primitivo existiu, durante milênios, sendo a forma mais atrazada da evolução da sociedade. Nesse periodo os homens viviam em estado selvagem. Alimentavam-se de vegetais, frutas silvestres, raises, etc que encontravam ao acaso. Em sua evolução, os homens passaram a usar o machado de pedras toscas sem polimento, depois a lança com ponta de pedra, o arco e a flecha, instrumentos com os quais mantinham seus meios de subsistência e defendiam suas vidas.

Na sociedade primitiva não existia a exploração do homem pelo homem, pois só é possivel a exploração quando alguem pode produzir meios de subsistência não só para si, mas também para outros.

O posterior desenvolvimento das fôrças produtivas da sociedade, com o aperfeiçoamento dos instrumentos existentes, a invenção de outros, o aparecimento do pastoreio e da agricultura, o uso de metais, determinou a decomposição do regime comunista primitivo. Isso se deu primeiramente entre as tribus acampadas nos territórios mais ricos de pasto, onde com a criação essas tribus puderam ter permanentemente, leite, carne, peles e lã. Elas possuiam assim objetos de uso que faltavam às outras. A criação do gado marcou **a primeira divisão social do trabalho.** A divisão do trabalho entre as tribus pastoris e as não pastoris, inaugurou a troca regular entre elas.

"Como consequência do desenvolvimento de todos os ramos da produção (gado, agricultura, serviços manuais), a fôrça "trabalho humano" foi se tornando capaz de criar mais produtos do que os necessários para o sustento de cada produtor. O desejo de produtividade maior fez com que aumentasse, ao mesmo tempo, a soma de trabalho quotidiano que correspondia a cada membro do gens ou clan, a cada comunidade doméstica ou familia isolada. A ambição estimulou a procura de novas "fôrças de trabalho" e a guerra as forneceu: os prisioneiros (que antes eram mortos) foram transformados em escravos. Aumentando a produtividade do trabalho, por conseguinte, dando origem à riqueza; extendendo-se o campo da produção, a primeira grande divisão do trabalho por fôrça mesmo das condições históricas determinaria necessariamente a escravidão, para fazer face a tal produção. Da primeira divisão social do trabalho nasceu a primeira grande divisão da sociedade em duas classes: senhores e escravos, exploradores e explorados". (ENGELS) Com o desenvolvimento da agricultura, graças à introdução do arado com grades de metal, dá-se a **segunda grande divisão do trabalho,** pois a maior procura de instrumentos de metal criou condições para o aparecimento de pessoas especialisadas em sua fabricação. "O trabalho manual (artesanato) separou-se da agricultura". Isso possibilitou o desenvolvimento da troca, contribuindo para a maior desigualdade entre os chefes das diversas famílias.

"A diferença entre ricos e pobres surge paralelamente à diferença criada entre homens livres e escravos. Da segunda divisão do trabalho resulta uma nova cisão da sociedade em classes. A desproporção entre os bens dos chefes de famílias individuais destrói os antigos agrupamentos comunistas em todos os lugares onde se haviam mantido até então, e, com êles, desaparece o trabalho em comum da terra, por conta das coletividades. O solo próprio para o cultivo é distribuído entre as famílias particulares, a princípio provisoriamente e mais tarde para todo o sempre" (ENGELS).

E como resultado da divisão do trabalho, realisa-se a passagem da propriedade coletiva para a propriedade privada.

Com a supressão da propriedade privada sôbre os meios de produção, com o desaparecimento das classes e do antagonismo entre a cidade e o campo, novas condições serão criadas para o desaparecimento também da divisão do trabalho, sob suas formas antigas e atuais". Do mesmo modo que os camponeses e os trabalhadores da manufatura do século 18, ao incorporar-se à grande indústria, modificaram tôda sua maneira de viver e se transformaram em homens completamente diferentes, a produção em comum para o conjunto da coletividade e o novo desenvolvimento da produção que disso resultará, necessitarão e criarão homens completamente diferentes dos de hoje" (ENGELS).

O P.C.B. e a Legalidade

(Conclusão da 5.ª pág.)

Executiva sôbre a reunião de 6-5-46 — mobilizar a "todos os Partidos politicos não fascistas, num apêlo veemente para que se unam em defesa da democracia ameaçada e para que, assim unidos, participem da solução pacifica dos problemas nacionais de maneira a evitar o cáos, a guerra civil, novo e desnecessário derramamento do sangue do nosso povo".

O "Plano Cohen", o General Góis Monteiro e a Intentona Integralista De 11 De Maio de 38

Nêste momento, quando a reação elabora um novo "plano" para golpear a democracia, porque, como afirmou Prestes, "o primeiro passo para preparar a guerra é liquidar a democracia", é oportuno relembrar as palavras proferidas há um ano pelo general Góis Monteiro, Chefe do Estado Maior do Exército ao tempo do aparecimento do famoso "plano Cohen" e atual Ministro da Guerra:

Também não foi o Estado Maior quem autorizou a publicação de um documento apócrifo que lhe chegou ao conhecimento — como inúmeros outros que lá vão ter e, como é natural, não têm divulgação ainda que sejam identificadas as suas origens".

"Ao contrário, ao verificar que êsse documento estava sendo difundido intervi para cessar a divulgação, alegando que o Estado Maior não se poderia responsabilizar pela autoria do documento e, mesmo que soubesse de sua origem, teria que mantê-lo em sigilo. Mais tarde, passado mais de um ano, o Estado Maior adquiriu a certeza da procedência do documento, o qual era integralista e não comunista".

(De uma entrevista ao "Correio da Noite", de 4-3-45).

Relembramos hoje essas palavras do atual ministro da Guerra, quando são decorridos oito anos do ataque traiçoeiro dos nazi-integralistas ao Palácio Guanabara, na noite de 11 de maio de 1938.

Já naquela época, desmascarados e desmoralizados pelo nosso povo e pela campanha esclarecedora da Aliança Nacional Libertadora, estavam os fascistas nacionais em desespero depois de sucessivas derrotas.

Inspirados, entretanto, nos métodos e nos êxitos obtidos pelo fascismo internacionalmente, à custa de concessões que as democracias capitalistas faziam a Hitler e Mussolini, lançaram-se na sangrenta aventura de 11 de maio, numa tentativa de assumir o poder pela fôrça, contra a vontade do povo, visando a entrega de nossa pátria ao eixo.

Outros reacionários tomam hoje o lugar dos integralistas, os remanescentes do fascismo e os agentes do imperialismo. Tramam outro "plano". Mas, se ontem, quando viviam Hitler e Mussolini, os integralistas foram esmagados, esmagados também o serão os que novamente tentarem destruir a democracia em nossa pátria. Esses senhores precisam ver que o povo não aceitou o regime que nasceu do Plano Cohen e que o oprimiu durante dez anos. Nêste último decênio o povo aprendeu a lutar organizadamente pelas liberdades populares e pela Democracia, e por isso mesmo saberá defendê-las a ferro e fogo se preciso.

AS TROPAS BRASILEIRAS E AS NOSSAS BASES

(Conclusão da 8.ª pág.)

telo, em Montese e nos céus da Itália e aos heroicos soldados do mar que patrulharam as nossas águas, não pode ser negada a honra de ocuparem as nossas próprias bases militares. Eles saberão defendê-las e preservá-las, como verdadeiros patriotas que são, como filhos de um dos povos mais sacrificados pelo imperialismo e que luta cada vez mais resolutamente pela sua completa emancipação. A melhor homenagem que podemos prestar hoje aos nossos pracinhas, aos herois brasileiros, será entregar-lhes os pontos estratégicos do nosso território ainda em poder das fôrças norte-americanas.

Escravocratas De Ontem e De Hoje

(Conclusão da 5.ª pág.)

ladas com tamanha cegueira pelos deputados escravocratas. No entanto, em 1884 repetiu-se a celeuma em têrmos ainda mais desabridos. Estava no govêrno o gabinete chefiado pelo Conselheiro Sousa Dantas, que submeteu à Câmara dos Deputados um projéto de lei propondo a emancipação dos escravos que atingissem a idade de sessenta anos. Era uma proposta extremamente moderada, e sôbre ela escreveu Rui Barbosa o famoso parecer, em cujas páginas estou colhendo as citações aqui apresentadas. Discordando de Rui, outro deputado, o escravocrata Sousa Carvalho, redigiu o seu voto em separado.

Vejamos o que disse Sousa Carvalho: "Êsse projéto me parece um meio de suicidio da nação, de suplicio da Constituição, de ruina dos particulares e do tesouro público, de bancarrota do Estado, de grande naturalização neste país para as doutrinas do comunismo e sua desênfreada aplicação". E mais adiante: "Para o empenho leviano e desatinado de acelerar a emancipação com a ruina dêste país, não vejo senão de puro sentimentalismo, vã popularidade, pretexto para agitação, revolução e subversão social, aproveitado por anarquistas a quem se teme,e se procura agradar com a espoliação violenta e desonesta de grande número de cidadãos, especialmente da classe mais ordeira, mais útil, e para bem dizer a única de brasileiros abastados — os agricultores" (isto é, fazendeiros, senhores de escravos).

Fora do Parlamento, os abolicionistas se organizavam e realizavam grandes demonstrações públicas de apôio a Sousa Dantas e a Rui Barbosa. Entre as organizações que participavam da campanha destacava-se o Centro Abolicionista da Escola Politécnica, constituido por alunos e professores, e entre êstes últimos figuravam homens do porte de André Rebouças, Ennes de Sousa, Paulo de Frontin, Benjamin Constant. Pois bem: o escravocrata Sousa Carvalho meteu a lenha no govêrno, porque o govêrno permitia a atividade abolicionista de tais professores e seus alunos — "... não só tolerando muitos e imprudentes abusos cometidos a título de proteger a santa causa abolicionista, como deixando estabelecer nesta capital ruidosa agitação contra uma propriedade legal, em edifícios públicos, no seio de uma escola de ensino superior, por associação comunista e festival entre os mestres e os meninos seus discípulos, ao som de músicas militares, até com animador concurso de alguns oficiais do exército, procurando se envolver tambem nas festas propagandistas os alunos da escola militar, e efetuando-se todo o gênero de passeatas incendiárias e demonstrações estrondosas".

Basta estas citações de Sousa Carvalho para deixar caracterizado o tom raivoso da campanha sustentada pelos escravocratas contra os abolicionistas. O próprio Rui Barbosa, dois anos depois, mostraria o que haviam sofrido êle e seu scompanheiros: "... tôda a nossa história, neste meio século, não registra orgia igual de más paixões désaçalmadas, cenas de fúria, de demência, de perfídia como as dessa epilepsia organizada, que se desencadeou contra o govêrno abolicionista, desde os clubes secretos da lavoura até às mancomunações de corredores, desde as vilanias sorrateiras até às declarações apopléticas, desde as verrinas de antagonismo parlamentar até o sussurro das conspirações de porão, desde a babugem das lesmas subalternas até à esfuziada continua dos pelotões de mamelucos".

O projéto de Sousa Dantas caiu e com êle caiu também o gabinete; mas quatro anos mais tarde viria a lei definitiva de 13 de maio. Os senhores de escravos e seus agentes no Parlamento e na imprensa não puderam por mais tempo barrar o curso da história.

E agora a pequena lição que podemos tirar dêsse aspecto da luta abolicionista: que aos Sousa Carvalho de hoje, escravocratas do nosso tempo, está reservado o mesmo destino inexorável que acabou por aniquilar os Sousa Carvalho de ontem. Hoje são os comunistas que em nossa terra desempenham papel semelhante ao que durante dezenas de anos antes de 1888 desempenhavam os abolicionistas — e por isso são hoje malsinados, injuriados, caluniados pelos modernos escravocratas e seus agentes mascarados ou encobertos. Mas a grande questão é que a história não para e ainda desta vez, como sempre, serão batidos e esmagados todos quantos pensam poder barrar a sua marcha para a frente.

O Que é Uma Célula De Bairro

A Célula Sergipe, Da Capital Paulista, Dá Um Balanço Auto-Crítico Das Suas Atividades — Histórico De Seis Mêses De Atuação No Bairro — Novas Perspectivas Se Abrem Para Os Militantes Na Luta Pelo Aperfeiçoamento Dos Métodos De Trabalho — Êxitos e Debilidades Analizados Na Assembléia Da Célula — A Importancia De Um plano De Trabalho

Inegavelmente, já se faz sentir por toda a parte os efeitos da aplicação prática pelas bases do nosso Partido das resoluções aprovadas nos Plenos do Comité Nacional. E disso é um exemplo a atuação da célula Sergipe nos últimos mêses, cujos progressos constatamos com satisfação.

Aplicando ás condições particulares do meio em que vivem os ensinamentos e as diretivas da Direção Nacional, demonstraram os camaradas da célula Sergipe um alto espírito revolucionário, de compreensão perfeita da sua responsabilidade como membros de um organismo de base do Partido, vivendo realmente todos os problemas do bairro em que atuam, levando realmente á pratica as determinações contidas nas circulares do Partido e aplicando de maneira justa e objetiva as resoluções nestas contidas.

Entretanto, nem sempre foi justa e eficiênte a atividade dos militantes da referida célula. Padeciam, os trabalhos da referida célula, dos mesmos males e debilidades de inúmeras células de bairro espalhadas por todo o Brasil, decorrentes, principalmente, da inexperiência da maioria, senão da totalidade dos seus membros, em realizar as inúmeras e inadiáveis tarefas impostas a cada momento pelos acontecimentos. Ora se tratava de militantes que estavam iniciando sua vida partidária, desconhecendo completamente o seu papel de militantes comunista ora eram os próprios militantes recém-saídos da ilegalidade e enfrentando, pela primeira vez, tarefas e métodos de trabalho inteiramente novos, que não encontravam saída para as situações mais difíceis sem a necessária assistência dos organismos superiores, procurando contácto com a direção nacional passando, muitas vezes, por cima das direções intermediárias, impossibilitados em suma de aprender realmente com a massa, uma vez que não estavam em condições — pela própria debilidade do organismo a que pertenciam — de realizar um eficiênte trabalho de massas e de se ligar de maneira empírica, esquemática, onde predominavam o praticismo e o espírito artezão de trabalho, com uma inexpressiva vida orgânica, sem uma planificação justa e flexivel das tarefas, pecando por um excessivo centralismo da direção, violando muitas vezes a democracia interna que deve prevalecer em todos os organismos do Partido, Tal era o quadro das debilidades gerais, constatado pelos camaradas em assembléia de célula, após proveitosa discussão. Que fazer, então? Diante de tal situação, era evidente a necessidade de providências urgentes para terminar com esse estado de coisas. E a célula Sergipe encontrou o caminho que deveria ser trilhado até a superação total das debilidades apontadas, fazendo uma análise retrospectiva da sua atuação, examinando com espírito critico e auto-critico, as atividades desenvolvidas até aquelo momento e estabelecendo resoluções práticas e objetivas, capazes de serem aplicadas imediatamente por todos os militantes, no sentido mais amplo.

Começou por fazer um minucioso HISTORICO DA CELULA SERGIPE, do qual estamos tirando as informações que julgamos uteis aos demais organismos do Partido.

Nesse histórico, foi dividida a existência da célula em duas fases principais — PRE-ELEITORAL e POST-ELEITORAL.

Examinaremos hoje, á luz do "histórico" apresentado, a primeira fase, correspondente ao período que vai de agosto (época em que foi estruturada a célula), a dezembro de 1945.

Antes de entrar, própriamente, na análise da vida da célula, inicia o referido trabalho por caracterizar "as condições do bairro", onde são examinadas as condições sociais, politicas e econômicas do bairro de Stª. Efigênia, chegando até ao estudo da densidade demográfica das fracas concentrações operárias e das diversas concentrações de estrangeiros residentes no bairro; das organizações populares existentes; das emprêsas ali sediadas, caracterizando perfeitamente cada uma daquelas condições.

"Bairro de caracteristicas artezã e pequeno-burguesa, limitando-se com o centro da cidade, não é atingido pela falta de transporte.

Há luz, agua, gás, eletricidade, telefone, esgoto e calçamento em todas as ruas". — constata o documento. São minimas, portanto, as reivindicações populares capazes de interessar a maioria dos habitantes do bairro.

Entretanto, a primeira fase foi caracterizada como de "grande ação externa, principalmente, no sentido da Divulgação e Trabalho de Massas".

Refletia-se, então, a atuação da célula, num intenso trabalho de agitação, aparentando ser o produto de um trabalho planificado e realizado por uma poderosa estrutura orgânica em perfeito funcionamento. Na realidade, porém, predominavam o comodismo de uns ao lado do espirito de abnegação de outros que, por sua vez, se esforçavam excessivamente num trabalho inteiramente pessoal, procurando suprir as debilidades dos demais camaradas numa ação dispersiva e mesmo inconsequente sem um minimo de organização, nada deixando de positivo para o Partido após as inúmeras e sucessivas jornadas de trabalho. Por outro lado, falhou o secretariado da célula por se mostrar incapaz de dirigir eficientemente os trabalhos, transmitindo secamente resoluções em cima de resoluções, manifestando liberalismos excessivos ao encarar os militantes como quadros — como soldados do Partido. Tudo isso, como é natural, tornava-os incapazes de uma politica de quadros pelo menos razoável, refletindo-se numa ausencia completa de um trabalho orgânico firme e consequente, sobrevindo o descrecimo no comparecimento ás reuniões, a impossibilidade, de uma auto-critica séria e a falta de vida e de sensibilidade politica do organismo. E, ainda, ao lado de um fraco trabalho de direção, responsável pelos erros cometidos, mais se agravava a situação pela falta absoluta de assistência á célula por parte do Comité Distrital do Braz. "Refletindo o bairro — afirma o histórico — a maioria dos militantes é de origem pequeno-burguesa. Os dirigentes, sem excessão, eram novos no Partido, etc." Mas como vemos no decorrer destas notas; isto não representa o fundamental. Essa é, na verdade, a composição da grande maioria das células de bairro do nosso Partido, trabalhando bem umas e mal outras.

Outras dificuldades que assoberbavam os camaradas da célula Sergipe eram decorrentes das permanentes alterações do local e dia das reuniões, dificuldades que "só ficaram resolvidas em definitivo com a instalação de nossa sede em fevereiro deste ano". As atas das reuniões não eram encaminhadas regularmente aos organismos superiores, o que impedia o Distrital de conhecer os problemas da célula, de viver esses problemas e examinar em tempo as propostas aprovadas na célula. As reuniões eram excessivamente longas, manifestando-se um excesso de centralismo por parte do Secretário Politico que, em outras considerações, demorava-se em esplanações sôbre os informes, atrofiando o espirito critico dos demais militantes que não intervinham nas discussões, prejudicando o desenvolvimento dos restantes membros do secretariado.

Por outro lado, permitia o secretariado que as discussões se prolongassem, em torno de assuntos secundários, com desvios da ordem do dia aprovada, tudo isso acarretando novos erros e novas debilidades. Como consequência, baixava o indice de comparecimento ás reuniões, e os camaradas politicamente mais fracos ficavam entregues á mais absoluta falta de assistência por parte do secretariado.

Analizando as suas debilidades no trabalho de massas, constata o documento a existência de um "Comité Democrático de Stª. Efigênia", com sede própria, e pequenos clubes de futeból e escolas de samba, "tudo em estado vegetativo, sem sede, sem dinheiro e que se reuniam nas portas dos bares. Mas adiante afirma que houve no trabalho de massas da Célula Sergipe "um trabalho de cúpola, baseado numa aplicação esquemática das palavras de ordem, oriunda do desenvolvimento completo das condições do bairro, daquilo que era possivel mobilizar", chegando à conclusão de que "somente uma possibilidade de desenvolvimento em torno da reivindicação como o clube de futeból, alfabetização, assistência médica, jardim de infância, festas, consegue levar a massa ao Comité, no qual só lentamente os elementos mais esclarecidos da massa vão sentindo a necessidade de se integrar mais a fundo nos trabalhos de organização".

Como é natural, têm razão os camaradas da célula, Sergipe ao reconhecer que "teve fraca repercussão a campanha pró Constituinte e Eleitoral lançada através do Comité". As debilidades e incompreensões eram tais que "o Comité teve que suspender quase que totalmente seus trabalhos normais nesta época (campanha eleitoral) o que também acarretou a necessidade de, logo depois das eleições, fazer a revisão completa do trabalho de massas verificar o que estava morto no Comité e o que estava vivo, o que era trabalho de cúpula e o que podia representar ligação com a massa".

Quanto ao trabalho eleitoral, a assembléia de célula considerou-o "falho no sentido de não ter sido feito alistamento de casa em casa".

Quanto ao trabalho sindical, diz o documento que "não houve nenhuma atividade sindical planificada. Houve, no entanto, cumprimento dos seguintes três pontos: 1) ampla divulgação das palavras de ordem; 2) — sindicalização dos militantes; 3) — arregimentação sindical falha por parte dos militantes.

Como consequência da falta de organização dos trabalhos, nesta primeira fase, foi bastante deficiênte o trabalho de finanças. Atraso nas cobranças dos militantes, atraso nos balancetes ao Distrital, nenhum trabalho entre simpatizantes. E para finanças extraordinárias, bailes, "shows", rifa ou outras iniciativas, nada foi realizado. O resultado era que os próprios militantes eram "sangrados" a cada momento, como constata o documento, ao revelar que "houve muitas contribuições dos companheiros para impressão de volantes, compra de tinta e de pano para faixas".

Resumindo-as, os camaradas da célula Sergipe fixaram as falhas fundamentais observadas no periodo de formação da célula em 4 pontos,

1) — Centralismo do trabalho de direção;

2) — Deficiência no contrôle das tarefas (excesso de liberalismo que veio incrementar a tendência oportunista de alguns companheiros ainda pouco conscientes do que significa o Partido);

3) — Falta de assistência do C. D. do Braz;

4) — Dispersividade no trabalho (improvisação, imediatismo, corre-corres de última hora).

Esse o estado em que se encontrava a Célula Sergipe, relembrando aqui apenas o lado negativo da sua atuação. Muitos, porém, foram os êxitos obtidos mesmo nesta 1ª. fase, apesar das debilidades apontadas. Basta dizer que, no terreno da divulgação, "foram colocados e distribuidos dezenas de milhares de volantes e cartazes; foram impressos 15.000 volantes, mobilizadores; foram realizados três comicios, sendo um com mais de 300 pessôas, etc".

Mas, neste comentário não vamos nos deter na exaltação dos êxitos e sim, acompanhar a análise das debilidades fundamentais da célula — que são as debilidades encontradas em todas as células de bairro débeis do nosso Partido — para estudarmos depois, acompanhando as observações dos camaradas da célula Sergipe, a maneira de superá-los, procurando tirar os ensinamentos, para todo o Partido, da experiência vivida pela referida célula.

Coragem e Audacia Na Luta Em Defesa Da Democracia

(Conclusão da 1.ª pag.)

berdade politica e de pensamento com a volta do artigo 177 da famigerada carta de 1937, sob nova forma e especialmente dirigido contra os comunistas, que se pretende apresentar como prigosos à segurança do Estado.

6. Arrastado, assim, em sua politica, pelos remanescentes do fascismo e pelos agentes mais descarados do capital financeiro internacional, separa-se o govêrno cada vez mais do povo e incapaz de resolver os graves e complexos problemas da hora que atravessamos marcha cada vez mais para a reação, para medidas cada vez mais violentas contra o povo miserável e esfomeado, vitima das filas, do câmbio negro, da exploração crescente dos homens dos lucros extraordinários e cada vez mais desiludido e desesperado. E' fácil imaginar a que se pretende chegar, respondendo com a violência e o arbitrio policial aos reclamos de um povo miserável e esfomeado. No caminho da reação e do fascismo por que se vai deixando levar o govêrno marchamos a passos rápidos para o cáos e a guerra civil. Êsse o perigo que nos ameaça e a que nos querem levar os remanescentes do fascismo tão poderosos no seio de um govêrno que ainda se diz democrata quando se redige uma Carta Constitucional que se promete não ser idêntica ao mostrengo fascista de 1937. Êsse o perigo que nos ameaça e pelo qual devem desde logo ser responsabilizados os homens no poder e todos aquêles que contra tão negra perspectiva não quiserem desde já lutar com decisão e energia.

7. No entanto, a solução pacifica dos graves problemas desta hora é ainda possivel e por ela luta e continuará a lutar sem desfalecimento o Partido Comunista do Brasil. Basta que os governantes se aproximem do povo, ouçam-no ao invés de se deixarem levar pelos reacionários e fascistas que os cercam e os comprometem; basta que se deseje de fato resolver, de maneira objetiva e prática, o problema da miséria popular, buscar com honestidade e com a ajuda do próprio povo soluções para os problemas que o atormentam; basta que se aceite a prática da democracia pelo respeito aos direitos fundamentais do cidadão; basta que se faça uma politica externa e interna de acôrdo com a vontade manifesta da maioria da Nação.

A Comissão Executiva chama mais uma vez a atenção de tôdo o Partido para que insiste nessa luta, por uma solução pacifica dos graves problemas desta hora, pela apresentação em cada momento e em cada região das soluções práticas e visíveis em benefício do povo e do progresso nacional daquêles problemas, os mais urgentes e imediatos.

8. Com o mesmo fim e em nome do C. N. do Partido Comunista do Brasil, dirige-se a Comissão Executiva por êste meio a todos os patriotas e democratas, a todos os Partidos politicos não-fascistas, num apêlo veemente para que se unam em defesa da democracia ameaçada e para que, assim unidos, participem da solução pacifica dos problemas nacionais de maneira a evitar o cáos, a guerra civil, novo e desnecessário derramamento de sangue do nosso povo.

Os comunistas estendem sincera e fraternalmente a mão a todos — homens e Partidos politicos — que queiram de fato lutar pela democracia, pela liquidação definitiva dos restos do fascismo no Brasil, que queiram lutar pela solução pacifica dos graves problemas nacionais da hora que atravessamos e em defesa da paz e sua consolidação no mundo inteiro. Frente às ameaças da reação e do fascismo, torna-se cada vez mais indispensável a uinão ostensiva e formal de todos os patriotas e democratas que já não poderão agora impunemente repetir o êrro suicida dos anos de 1935-37, quando, por displicência ou omissão, entregaram sem luta o terreno à camarilha fascista, sem escrúpulos, ativa e ambiciosa.

9. O Partido Comunista do Brasil dirige-se ainda aos homens do govêrno não comprometidos com o fascismo e que desejem sinceramente a solução pacifica dos problemas nacionais. O Partido Comunista do Brasil luta pela paz e pela democracia e está pronto a apoiar o govêrno, a colaborar com êle, desde que queira realmente resolver de maneira prática os problemas da miséria e da fome do povo, garantir a democracia e liquidar de fato os restos do fascismo em nossa Pátria. Os comunistas não disputam posições a não ser junto ao povo e pelos métodos democráticos, nem fazem cambalachos, mas estão prontos a fazer quaisquer acordos seja com quem for desde que realmente favoráveis ao povo e à democracia. Nas eleições que se avizinham procuraremos acordos eleitorais, para chapas de unidade, desde que seja na base de um programa popular e da escolha judiciosa de candidatos que possam merecer a confiança do proletariado e do povo. Serão êsses os candidatos, comunistas ou não, que merecerão o apôio do Partido Comunista do Brasil.

10. Mas a Comissão Executiva, ao fazer tais declarações, chama a atenção de todo o Partido para a necessidade urgente de reforçar suas ligações com as grandes massas trabalhadoras e de organizar cada vez melhor suas fileiras e ao próprio povo. A solução pacifica dos problemas nacionais ainda é possivel, mas na medida em que o proletariado e o povo a reclamarem organizadamente do govêrno e das classes dominantes. A situação exige de todos os comunistas o maior cuidado contra as provocações simultaneamente, com a máxima firmeza, energia, persistência, coragem e audácia na luta em defesa da democracia e dos direitos fundamentais do cidadão. O acatamento às decisões do govêrno não deve significar submissão passiva às ordens arbitrárias da policia, contra as quais devemos protestar por todos os meios legais, de forma a esgotar todos os recursos antes de aceitá-las e contra elas fazendo uso de formas de luta cada vez mais altas e vigorosas. A iniciativa dos organismos de base precisa ser cada vez maior e vale, sem dúvida muito mais que quaisquer comunicações ou apelos aos organismos superiores. O essencial, enfim, está na verdadeira mobilização de massas contra as arbitrariedades policiais e na nitida compreensão que deve ter todo o Partido de que acatar as decisões das autoridades e lutar pela solução pacifica dos problemas nacionais não significa ficar de braços cruzados, nem conformar-se, oportunisticamente, sem protesto, com as arbitrariedades e violências policiais. Nessa luta pela democracia amplia-se cada vez mais o campo de ação dos comunistas que devem fazer esforços redobrados no sentido de ganhar novas camadas sociais para o lado do proletariado e das grandes massas trabalhadoras do campo. O essencial está em saber lutar efetivamente pela paz e a democracia, pela melhoria das condições de vida do povo em geral, pela liquidação definitiva dos restos do fascismo e contra o imperialismo, pela entrega definitiva e imediata de nossas bases militares ainda no poder do imperialismo. Foi assim que vencemos até agora as provocações policiais e fascistas contra a legalidade de nosso Partido e será seguindo os mesmos preceitos, de forma cada vez mais consciente e organizada, que venceremos as vagas de provocação que ainda virão até a definitiva liquidação dos restos do fascismo e a garantia e consolidação da democracia em nossa Pátria.

A COMISSÃO EXECUTIVA DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL.

Rio, 6 de março de 1946.

1.319 Mulheres Solidárias Com Prestes

Ao senador Luiz Carlos Prestes foi remetido o seguinte abaixo-assinado:

"Nós brasileiras que, a 18 de abril de 1945, conquistamos a liberdade dos presos politicos, em verdadeira frente de união nacional, restituindo ao povo brasileiro o seu maior lider, LUIZ CARLOS PRESTES, hoje compreendendo que mais forte deve ser a união de todos em solidariedade e apôio ao senador do povo, como garantia do processo democrático em nossa terra, firmamos esta solidariedade a PRESTES, na data gloriosa do primeiro aniversário de sua libertação. — (as.) — Yvonne Carvalho Monteiro, Adelia Gonçalves, Dirce Dias da Silva, Pila Prieto Rinaldi, Maria I. M. Jacobina, Paulina S. Pessoa, e mais 1313 mulheres".

As Tropas Brasileiras As Nossas Bases

Estas tropas também merecem as honras da vitória sob o nazi-fascismo. Elas representam todo o povo brasileiro no embate final com as fôrças imperialistas da Alemanha e da Itália, em solo europeu. Muitos jovens brasileiros ficaram para sempre enterrados em território italiano. Os que lá estiveram, os que lutaram, os que voltaram, não desejam que o sangue dos brasileiros seja derramado a não ser em guerras patrióticas, em guerras de libertação como a que esmagou as fôrças militares do nazi-fascismo. As nossas tropas, parte do "exército mais democrata da América", na expressão do camarada Prestes, estão prontas, neste momento em que se comemora o primeiro aniversário da vitória das Nações Unidas, a ocupar o lugar das tropas estrangeiras que permanecem injustificadamente em nosso solo.

Aos bravos que combateram em Monte Cas-

(Conclui n. 6ª. página)

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

ANO I —o— Sábado, 11 de Maio de 1946 —o— N.° 10

O PROBLEMA DA INDIA

O DESPERTAR DA ÍNDIA

R. PALME DUTT

Neste momento, quando a questão da independência da India está em fóco e o imperialismo inglês vê perigar o ponto vital de seu vasto domínio, há uma curiosidade geral em tôrno dos assuntos relacionados com a India, cuja independência das garras do imperialismo será talvez o início de uma derrocada total no Império Britânico, hoje disputado pelos grupos imperialistas norte-americanos. Iniciamos a divulgação de partes de um importante estudo feito por uma das mais altas autoridades britânicas em assuntos indianos, R. Palme Dutt de cuja autoria publicamos uma entrevista com o líder indiano Nehru, no n.° 8 d'A CLASSE OPERARIA.

A India é um país de civilização muito antiga mas a nação indiana é uma nação jovem, pois o povo indiano somente despertou em sua plena consciência para desempenhar seu papel como nação entre as nações progressistas do mundo no período moderno.

Compreender êste despertar da nação indiana é essencial para compreender a India atual. A tarefa da sabedoria política está em ver o que é novo e se acha em desenvolvimento, para não fixar o olhar no que é antiquado e está em decomposição.

A India e a China estão estreitamente unidas na presente situação mundial. A China é também um imenso país de muito antiga civilização, mas a nação chinesa é jovem, e só tem avançado em consciência política e fôrça no período moderno. Os povos da India e da China representam os dois movimentos de libertação nacional principais do mundo moderno, abrangendo entre uma terça parte e a metade da população mundial.

O povo chinês tem já, através de uma longa e heróica luta, desde sua Revolução Nacional de 1911, conquistada sua independência e abalado o jugo estrangeiro. Fundou seu govêrno nacional; sob sua direção mobilizou suas fôrças armadas contra os invasores japoneses. Conquistou o reconhecimento como aliado em igualdade de condições com as Nações Unidas nas batalhas pela liberdade humana contra o fascismo.

O povo indiano está aspirando ganhar sua posição correspondente, como nação igual e livre entre as nações do mundo e a desempenhar seu papel como aliada das Nações Unidas na batalha comum pela liberdade.

O avanço do povo indú para a liberdade é mais árduo e menos desenvolvido do que o do povo chinês, pois sua submissão a uma potência estrangeira tem sido mais prolongada e mais completa. Mas, pela mesma razão, o despertar da India é de mais profunda significação mundial pois a India tem sido, durante gerações, a base principal do imperialismo nos tempos modernos.

A área da India é de ...... 1.003.679 milhas quadradas, ou seja, 15 vezes a área das Ilhas Britânicas e vinte vezes a área da Grã-Bretanha. A população da India era de 389 milhões, no último censo de 1941, e se estima atualmente em 400 milhões de habitantes, ou cêrca de uma quinta parte da raça humana.

Os 400 milhões da India constituem as três quartas partes da população total do Império Britânico, quatro quintas partes da população ultramarina do Império Britânico e cêrca de nove décimos da população colonial submetida ao Império Britânico.

Se compararmos a extensão dos oito impérios coloniais principais em vésperas da guerra finda, a população da India submetida ao domínio inglês representava em 1938 mais de metade da totalidade da população colonial do globo e mais de uma vez e meia a população colonial combinada dos impérios francês, japonês, holandês, estadunidense, belga, italiano e português — isto é, os restantes impérios coloniais.

A India não é apenas, e em grande parte, a maior das possessões coloniais diretas do imperialismo, mas também a mais velha, a mais dominada e explorada por muitas gerações e por isto a demonstração mais completa do funcionamento e consequências do sistema colonial.

Todos os poderes coloniais europeus dirigiram seus primeiros esforços para a India e suas riquezas; tropeçaram com a América e as Indias Ocidentais no curso da procura de um novo caminho marítimo para a India. Foi somente num período posterior que estenderam sua expansão à Africa, Austrália, China e restho da Asia.

A conquista da India para a civilização continental, constituiu um dos pilares principais do desenvolvimento capitalista na Europa, da supremacia britânica mundial e da total estrutura do imperialismo moderno.

Qual o resultado da dominação imperialista na India? Seja qual for a divergência do ponto de vista social e político dos observadores, da direita ou da esquerda, sôbre um ponto estão todos de acôrdo: depois de dois séculos de govêrno imperialista, a India apresenta um espetáculo de pobreza e miséria agudas nas massas do povo, sem paralelo no mundo.

Isto não se deve à pobreza natural do país ou à falta de recursos. O imenso território ocupado pelo povo indú possui grandes riquezas e recursos naturais. Isto não só é certo quanto à fertilidade do solo e potencialidade agrícola, à qual, segundo demonstrará um exame posterior, poderia, posta em plena produção, prover abundantes recursos para uma população maior ainda do que a que possui hoje a India. Também isto é certo em relação às matérias primas necessárias a uma produção industrial grandemente desenvolvida, especialmente carvão, ferro, petróleo, e fôrça hidráulica, ao lado da inteligência e aptidão da população (não inteiramente perdidas desde os tempos em que a India gozava primazia técnica entre as nações, antes do domínio imperialista).

Êstes recursos e possibilidades estão no entanto escassamente desenvolvidos, e as duras provas da guerra vieram evidenciar flagrantemente êste fato. Se o capitalismo se caracteriza em geral por um desperdício e relativa capacidade de utilização de tôdas as potencialidades da produção, êste fracasso alcança na India o seu mais alto grau.

O problema básico da India é pois o problema de 400 milhões de pessoas que em sua esmagadora maioria estão vivendo em condições de extrema pobreza e semi-inanição, e ao mesmo tempo estão vivendo sob uma dominação estrangeira que possui completo contrôle sôbre suas vidas e mantem, por fôrça, o sistema social que produz estas condições. Estas centenas de milhares de sêres humanos estão lutando pela própria existência, pelos meios de se manterem, pela liberdade elementar. O problema de sua luta, e de como podem realizar seus objetivos, é o problema da India.

Este é o problema que agora alcançou seu ponto culminante na nova situação mundial:

A dominação da India tem sido, há muito tempo, objetivo das potências imperialistas rivais. Esta dominação não terminou ainda. E apesar dos perigos que ainda existem para a India, uma situação decisiva se abre hoje a êsse grande país para o seu futuro.

A India está despertando. A India, prêsa de guerra de sucessivas ondas de conquistadores durante milênios, está despertando para sua vida independente como um povo unido com o seu próprio papel a desempenhar no mundo.

Este despertar avançou em nossos dias. Nos últimos 20 anos uma nova India surgiu. Hoje, apesar das dificuldades da hora presente, o avanço da India para a sua liberdade é universalmente reconhecido como iminente.

Esta India que desperta não tem a intenção de ser nem vítima dos governos imperialistas existentes, nem a prêsa de novos agressores. Segundo esclareceu a declaração do movimento nacional, o povo indú que desperta está resolvido a ocupar um lugar em igualdade de condições com os demais povos do mundo contra a maré da reação.

Já antes da guerra o problema da continuação do domínio imperialista na India se havia convertido em um problema imediato e urgente, tanto por causa do visível debilitamento e decadência dêste domínio na época moderna, como por sua reconhecida ineficácia para resolver os problemas do povo daquele país e também devido ao crescente despertar e determinação do povo indú para conquistar sua liberdade.

Nos anais do último quarto de século, desde a guerra de 14-18, todos os esforços do imperialismo para adaptar-se às novas condições tôdas as ondas alternadas de coação, não tiveram êxito em conter a maré enchente do movimento nacional, nem foram capazes de encaminhar qualquer solução ao problema da India.

O propósito imediato do movimento nacional indiano é a independência nacional e o direito democrático ao govêrno próprio. E' o primeiro passo indispensavel, tanto para a defesa da India e a mobilização de seu povo, como para a solução mesma dos enormes problemas que se apresentam ao povo indú.

Tôdas as etapas da civilização e cultura dentro da sociedade de classes, desde as mais primitivas à mais avançada, existem na India. A mais ampla escala dos problemas sociais, políticos, econômicos e culturais encon-

(Conclui na 6.ª pág.)

COMEMORADO, NA U.R.S.S., O DIA DA IMPRENSA BOLCHEVIQUE

MOSCOU, 6 (TASS pela Inter Press) — De acôrdo com a tradição estabelecida o povo soviético comemorou ontem o dia da imprensa bolchevique. Os editoriais dos jornais foram consagrados às tarefas planteadas para a imprensa soviética. Nêles se fez o balanço da atividade das revistas e jornais soviéticos durante os anos da guerra. "Os duros anos da guerra ligaram ainda mais os jornais soviéticos com as grandes massas populares — escreve o "Izvestia". — Os jornais propagaram a idéia do patriotismo soviético, alimentaram o fogo inestinguivel de nossa causa até a inexorável derrota do inimigo. A pátria valorizou altamente o trabalho da imprensa bolchevique durante a guerra, condecorando os principais órgãos da imprensa soviética". O "Pravda", referindo-se ao papel e às tarefas da imprensa soviética no pós-guerra, escreve: "A imprensa soviética, portadora da avançada ideologia de igualdade de todos os povos, ocupa um lugar de destaque nas fileiras dos lutadores mais consequentes contra os incendiários de guerras. A União Soviética marcha na vanguarda da luta pela paz e pela segurança. Daí dimana o papel avançado de nossa imprensa que fustiga os reacionários que perseguem estreitos interêsses de casta — egoistas e anto-populares. A tarefa da imprensa bolchevique consiste em prosseguir dando o exemplo de zelosa luta de princípios pela paz, "para que nem uma só arremetida dos propagandistas da nova guerra fique sem a devida réplica por parte da opinião pública e da imprensa, a fim de desmascarar sistematicamente os incendiários de guerra e não lhes permitir empregar a liberdade de palavra contra os interêsses do povo. A imprensa bolchevique do país soviético, a imprensa mais avançada e autenticamente popular, saberá cumprir estas tarefas.

O DIA DA VITÓRIA EM MOSCOU

A ESQUERDA: — Parada da Vitória, em Moscou. Ao pé dos retratos de Lenin e Stalin, formam os aviadores soviéticos, que mereceram o título de "Heróis da União Soviética". **EM BAIXO:** — Os habitantes de Moscou aclamam delirantemente os tanquistas, que participaram da Batalha de Berlim ocupada pelas fôrças soviéticas. **A DIREITA:** — O Exército Vermelho deposita as bandeiras dos exércitos inimigos derrotados aos pés dos comandantes da Vitória.